

Ano XII

Nº 70

SOMNIUM

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Gerson Lodi-Ribeiro
conta (quase) tudo
o que rolou
nos Terceiros
Encontros de Cáscais



Ficções de Simone Saueressig e Norton Coll

Índice

Editorial

Balanço

03

O que rola pelo Fandom

FC em Notícias

por Adriana Simon

04

Listserver: Resenhas e Polêmicas

compilado por Dario Alberto de Andrade Filho

10

Internacional

Fronteiras: Terceiros Encontros da FC&F Portuguesa

por Gerson Lodi-Ribeiro

13

Ficção

A Memória da Alma

por Simone Saueressig

21

Quem não morrer, fica só

por Norton Coll

22

Ilustrações

Angelo Ribeiro

capa

Angelo M.S. Jr.

contra-capa

Roberto Schima

02

Antonio Amaral

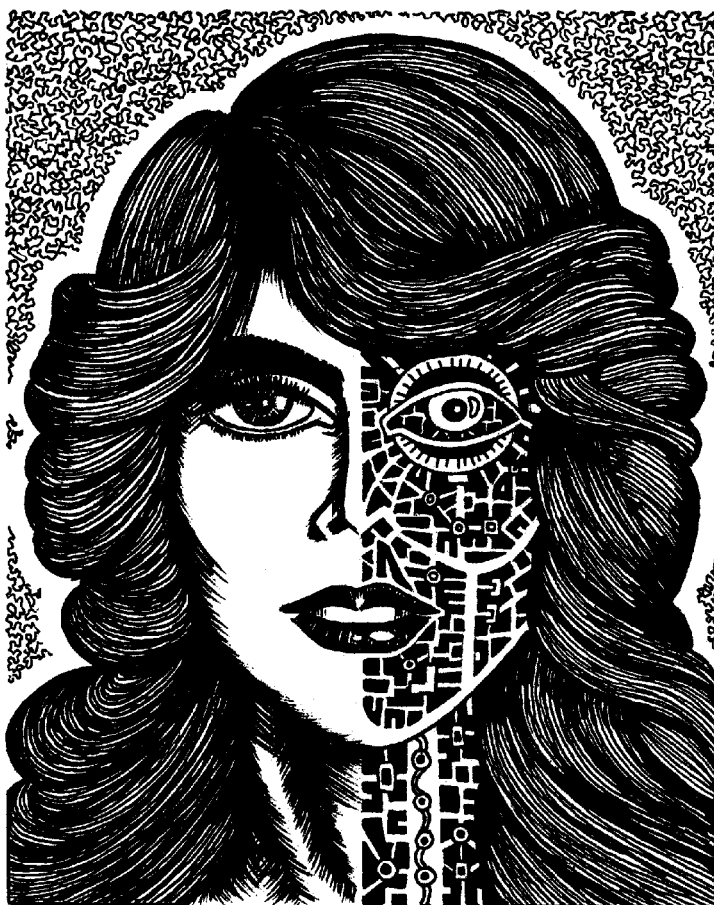
03

Marcelo Salaza

09

Mauricio Tavares

23



★ 9/90

SOMNIUM

número 70
dezembro de 1998

Editorias:

Social e Notícias

Adriana Simon

<asimon@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco

<msbranco@uol.com.br>

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho

<dario@francanet.com.br>

Geral

Cesar R. T. Silva.

<cerito@sti.com.br>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Fimiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

Estamos completando mais um ano de trabalhos, com um resultado senão de todo, pelo menos em parte muito encorajador. Conseguimos colocar esta edição do *Somnium* em tempo recorde na suas mãos, fruto da boa quantidade de colaborações que recebemos nas últimas semanas. Deste modo também nos recuperamos do pequeno atrazo da edição anterior, de forma que os leitores podem conferir terem recebido todas as edições prometidas neste ano. Se o ritmo de colaborações continuar firme, podemos até cogitar a ampliação de páginas do fanzine.

Também comemoramos a recuperação milagrosa do caixa do Clube de Leitores de Ficção Científica, que antecipa muitas atividades para o emblemático 1999, ano de eleição no CLFC, e esperamos que, desta vez, não seja difícil encontrar entre os associados,

novos entusiastas que desejem assumir o leme, tanto nos cargos administrativos como nas diversas atividades lúdicas e editoriais.

A propósito, cumprimentamos Ataíde Tartari e Fábio Barreto, os novos editores do *Informativo Mensal do CLFC*, boletim periódico que por muitos anos esteve sob a batuta de nossa editora de notícias, Adriana Simon. Felicidades e sucesso na empreitada, que afinal beneficia a todos nós.

E para finalizar, a editoria do *Somnium* e a diretoria do CLFC desejamos a todos os leitores, sócios e seus familiares, um ótimo final de ano, Boas Festas e um excelente e produtivo 1999. E um grande e caloroso muito obrigado por continuarem acreditando na FCB. Felicidades a todos!

Os Editores



Cinema

A revista SET anunciou entre os futuros lançamentos de filmes nacionais nos cinemas, três títulos que podem criar interesse entre os que gostam de FC e fantasia. Em fase de finalização, o longa de Geraldo Moraes, *No Coração dos Deuses*, com Antônio Fagundes, que conta a viagem de um grupo de pesquisadores ao tempo dos bandeirantes. Também em fase de finalização o longa de Antônio Carlos Fontoura, *Uma Aventura do Zico*, com um tanto de FC no fato de haver a clonagem do jogador. E em fase de preparação o novo longa de Ivan Cardoso, *Amazônia Misteriosa*, com nazistas fazendo experiências com índios e ainda a presença de um lobisomem. Entre os estrangeiros, o anúncio de mais um *Jurassic Park*, desta vez apenas produzido por Spielberg, e a possibilidade de um acordo entre Madonna e Schuarza para produzirem a terceira parte do *Exterminador do Futuro*, com Cameron, ou *Cruzade*, com Verhoeven. (por Cesar Silva)

The Truman Show

Dirigido por Peter Weir, envolve o poder que as grandes corporações exercem sobre os indivíduos. É menos futurista que *Gattaca*, e como já foi dito, uma espécie de versão sem hardware de *Simulacron 3*, onde é criado um mundo artificial em redor de uma pessoa que não se dá conta disto. Um homem descobre que tudo que acontece em sua vida não passa de um show de TV. E que sua mulher, amigos, vizinhos e companheiros de trabalho são, atores, e tudo vai ao ar 24 horas por dia no mundo todo. O show se torna o maior sucesso no mundo inteiro.

Elenco: Jim Carrey (Truman Burbank), Ed Harris, Laura Linney, Noah Emmerich, Brian Delate, Holland Taylor, Harry Shearer e Natascha McElhone. Direção: Peter Weir. Roteiro: Andrew Niccol.

Small Soldiers

O filme mistura animação com efeitos computadorizados, e conta a his-

tória de uma guerra entre pequenos monstros em miniatura e soldados robotizados.

Elenco: David Cross, Kevin Dunn, Kirsten Dunst, Phil Hartman, Ann Magnuson, Dick Miller, Jay Mohr, Wendy Schaal e Gregory Smith

Virus

Uma equipe que está no meio do oceano, encontra um navio russo sem ninguém a bordo. Eles descobrem que os tripulantes foram destruídos por um tipo de alienígena, que ataca os humanos na forma de um vírus. Se o vírus se espalhar, todos os humanos vão morrer. O orçamento do filme foi de 50 milhões de dólares.

Elenco: Jamie Lee Curtis, Donald Sutherland, William Baldwin, Sherman Augustus, Cliff Curtis, Joanna Pacula, Marshall Bell e Julio Mechoso. Direção: John Bruno.

PI

Um gênio da matemática acaba construindo um super computador, chamado Euclid, que consegue prever o que vai acontecer na bolsa de valores. Mas, um número com 216 dígitos aparece e começa a intrigar Max. E sua busca pela verdade pode levá-lo a uma descoberta inacreditável.

Elenco: Sean Gullette, Mark Margolis, Ben Shenkman, Pamela Hart, Stephen Pearlman e Samia Shoab. Direção e roteiro: Darren Aronofsky.

The Avengers

Sir August de Wynter arranja um método de controlar todo o clima do mundo, e assim conquistá-lo. Dois agentes secretos, John Steed e Emma Peel, tentam impedir o bandido de conseguir realizar seu plano. O filme é baseado na série de tv de mesmo nome, onde os agentes John Steed (Patrick Macnee) e Mrs. Peel (Diana Rigg), corriam atrás de perigosos bandidos. Antes de Mulder e Scully, já haviam dois agentes que trabalhavam como parceiros, mas nunca ficaram juntos, apesar de todo clima amoroso entre eles. No começo o diretor era para ser Nicolas Meyer e o ator principal Mel

Gibson. Mas eles não aceitaram e foram substituídos. E se não estivesse gravando *Eyes Wide Shut*, Nicole Kidman ia ser Emma Peel. Depois de Nicole recusar o papel, Gwyneth Paltrow foi o nome escolhido para ser Emma, mas no final Uma Thurman ficou com a personagem.

Elenco: Ralph Fiennes (John Steed), Uma Thurman (Emma Peel) e Sean Connery (Sir August de Wynter). Direção: Jeremiah Chechik.

Blade

O filme é baseado em um herói de quadrinhos da Marvel e foi monitorado de perto por Stan Lee. O filme ia se chamar *Blade, the Vampire Slayer*, mas ficou muito parecido com *Buffy*. No filme, a mãe de Blade é mordida pelo vampiro Deacon Frost, no momento que está tendo seu filho. O menino, chamado Blade, cresceu odiando os vampiros, e se tornou um caçador das criaturas. Durante uma luta contra um vampiro, ele é mordido, e descobre que graças a sua mãe, ele é imune a eles. Seu maior desafio é conseguir vingar a mãe, e matar Frost.

Elenco: Wesley Snipes (Blade), Stephen Dorff (Deacon Frost), Kris Kristofferson (Whistler) e Traci Lords. Direção: Steve Norrington. Roteiro: David Goyer. Produção: Peter Frankfurt, Wesley Snipes e Bob Engelman. Produtor Executivo: Avi Arad e Stan Lee.

John Carpenter's Vampires

O filme é baseado no livro *Vampire\$*, de Tom Walsh. Os vampiros existem e estão vivendo entre os humanos. Jack Crow é o chefe de um grupo de caça vampiros que é patrocinado pelo Vaticano. Eles viajam o mundo todo à procura de vampiros. Crow não agüenta mais sua vida de caçador e pretende parar. Mas, um dos mestres vampiro descobre o endereço de Crow e sua equipe, e quer matar a todos.

Elenco: James Woods (Jack Crow), Sheryl Lee, Daniel Baldwin, Maximilian Schell, Thomas Ian Griffith (Valick), Cary Hiroyuki-

Tagawa, Mark Boone Jr., Gregory Sierra, Henry Kingi, Tommy Rosales e Tim Guinee. Direção: John Carpenter. Roteiro: Don Jacoby e John Carpenter.

Soldier

Um soldado criado geneticamente chamado Todd (Russell), tem cumprido seu dever de proteger uma colônia humana. Mas um modelo mais avançado acaba sendo posto em seu lugar e ele vai parar em um local deserto. Revoltado, ele resolve voltar a seu posto, e destruir todos os modelos novos que estiverem em seu lugar.

Elenco: Kurt Russell, Gary Busey, Jason Scott Lee e Connie Neilson. Direção: Paul Anderson.

Apt Pupil

O filme é baseado em um conto de Stephen King, chamado *Apt Pupil*, e mostra a vida de um jovem rapaz que se torna pupilo de um velho comandante nazista, e escuta do velho as histórias que aconteceram nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra mundial. Em 96, o ator John Malkovich estava querendo participar do elenco, mas não entrou em acordo com os produtores.

Elenco: Ian McKellen (Arthur Denker), Brad Renfro (Todd Bowden), Joe Morton, David Schwimmer (Friends), Kevin Pollack, Bruce Davison, Elias Koteas, Joshua Jackson. Direção: Bryan Singer.

Blast From the Past

Pensando que o mundo ia acabar em uma explosão nuclear, um garoto é trancado em um abrigo, por sua família, para escapar do holocausto. Só que esquecem de avisar ao garoto que não caiu bomba nenhuma. Trinta anos depois o menino, agora um homem, sai de seu abrigo e descobre um mundo totalmente diferente de 1962.

Elenco: Brendan Fraser, Christopher Walken, Alicia Silverstone, Dave Foley e Sissy Spacek. Direção: Hugh Wilson. Roteiro: Bill Kelly. Produção: Geena Davis.

The Faculty

Mais um filme de terror criado por Kevin Williamson (*Scream, I Know...*). Um grupo de adolescentes descobre que alienígenas estão tomando os corpos de vários humanos, e assumindo

suas identidades. Sozinhos, eles tentam impedir que o plano chegue ao final com sucesso. Elenco: Robert Patrick, Elijah Wood, Clea Duvall, Shawn Hatosy, Josh Hartnett, Jon Stewart, Salma Hayek, Piper Laurie, Bebe Neuwirth e Harry Knowles. Direção: Robert Rodriguez. Roteiro: Kevin Williamson.

***Texas Blood Money* (*From Dusk Till Dawn 3*)**

O filme mostra o que aconteceu depois de FDTD, e as aventuras de Seth Gecko. Só que, novamente ele se envolve com vampiros, inclusive com seu irmão Richie, que morreu no primeiro filme. Elenco: Robert Patrick, Brett Harrelson, Bo Hopkins, Bruce Campbell, Muse Watson, Raymond Cruz e Tiffani-Amber Thiessen (Barrados no Baile - Beverly Hills - 90210). Direção: Scott Spiegel. Roteiro: Scott Spiegel e Duane Whitaker.

Astronomia **Descobertos novos** **planetas extra-solares**

Astrônomos norte-americanos descobriram a menos de 150 anos-luz da Terra dois novos planetas de um tamanho equivalente ao de Júpiter em órbita de duas estrelas similares a nosso Sol, anunciou hoje a Universidade de São Francisco (Califórnia). Essas novas descobertas, realizadas pela equipe de Geoffrey Marcy e Paul Butler, elevam para 12 o número de novos planetas chamados “extra-solares” detectados desde 1995, nove deles por esses dois astrônomos californianos, precisaram as fontes.

Como todos os demais, planetas detectados até o momento em sistemas solares vizinhos ao nosso, esses dois novos exemplares “Júpiter” não foram vistos fisicamente. Apontando um dos dois potentes telescópios Keck instalados em Mauna Kea (Havaí) para uma série de 430 estrelas, os cientistas norte-americanos deduziram a existência dos planetas ao detectarem as ínfimas perturbações causadas por sua presença nas estrelas em torno das quais giram. Ao medirem essas perturbações, os astrônomos tiveram condições de estimar o tamanho desses planetas e a distância em que se encontram de sua

estrela. Situada a 154 anos-luz da Terra, na constelação de Cisne, a primeira delas, identificada como HD-187123, gira numa órbita muito próxima a sua estrela, a uma distância estimada a apenas 25-avos da que separa nosso Sol da Terra. Muito mais interessante para os astrônomos, a segunda foi localizada na constelação de Aquário, a 68 anos-luz da Terra. O HD-210277 é o primeiro planeta extra-solar situado à mesma distância de sua estrela que a Terra está do Sol e demora 437 dias para dar a volta, segundo os cálculos.

Vamos torcer pela confirmação da veracidade da descoberta por outros órgãos científicos. Afinal, temos um planeta-irmão (HD-210277) tão parecido e tão perto (astronomicamente) do nosso. (*notícia publicada no Estado de Minas on-line, de 24/09/98 e enviada por Marcus Chevitaress*).

Livros **Lançamentos** **O CROMOSSOMO CALCUTÁ** (Editora Ática)

De Amitav Ghosh, autor indiano de *mainstream*, radicado em New York que, com este romance, ganhou o Arthur C. Clarke Award. Passa-se num futuro próximo onde as redes informáticas atingiram um estado de quase consciência. Com a ajuda de uma delas, Antar, um programador egípcio residente em Nova York descobre nos arquivos da Rede um cartão de identidade pertencente a um velho colega desaparecido em Calcutá em 1995. Esse tal L. Murugan é um especialista na doença da febre amarela e naquele que descobriu qual era o vector viral, um tal Robert Ross, também ele desaparecido em Calcutá no final do século passado. A partir daqui, o romance tem um pouco de tudo. O horror de Calcutá a la *Canção de Kali*, sociedades espíritas, *ghost stories*, reencarnação, saltos no tempo só compreensíveis nas últimas linhas do romance, e uma sociedade secreta de Imortais. Parece que a praga viral da malária é capaz de transmitir o *imprint mnésico* que quem o mosquito picou através de transfusões de sangue de indivíduos contaminando

dos. Uma espécie de imortalidade só para os eleitos. Embora o Amitav Ghosh não conheça a FC, o seu livro não envergonha ninguém, não é afinal um mastigado de coisas já feitas, e bem melhor, como foi o caso do *Contato do Sagan*. (por João Barreiros)

**DEPOIS – SETE HISTÓRIAS
DE HORROR E TERROR**

(Record)

Antologia organizada e traduzida por Heloísa Seixas. Traz contos de Algernon Blackwood, Poe, Edith Warton, Lovecraft, O. Henry, etc.

**A PEDRA DO MEIO DIA
ou ARTUR E ISADORA**

(Editora 34)

Folheto de cordel da autoria de Bráulio Tavares publicado pela primeira vez em 1979 e que agora entra na coleção infantil da Editora. Uma história de fantasia em verso, sobre um reino encantado, um gigante shapechanger, um castelo assombrado e outras coisas que no Sudeste são consideradas “infantis” mas que no Nordeste fazem parte da literatura adulta.

VÔO SOBRE

O MAR DA LOUCURA

(Editora M&C, 97 páginas, R\$ 5,00) Nas bancas de São Paulo e Rio de Janeiro, o volume 1 da Coleção Império Ficção Científica e Fantasia, novela de Roberto de Sousa Causo, que conta com introdução de Gilberto Schoederer, o editor de ficção da revista *Starlog Brasil*. O livro tem formato pequeno, capa colorida, ilustrações internas, e é o primeiro volume de uma coleção que pretende popularizar a FC — e a FC nacional em particular — colocando títulos interessantes a preços relativamente baixos nas bancas. Os números ímpares serão histórias nacionais, os pares, estrangeiras. O número 2 será a novela de Stanley G. Weinbaum, *A Pirata Espacial (The Red Peri)*, com introdução de Ivan Carlos Regina. Entre os títulos planejados, está *O Consertador de Bicicletas*, noveleta premiada de Bruce Sterling.

OUTRAS COPAS,

OUTROS MUNDOS

(Ano-Luz/PECAS; 168 pgs.)

Editado por Marcello Simão Branco. Uma antologia audaz em que onze au-

tores do gênero fantástico ousam vôos rasantes sobre mares ficcionais agitados, raramente singrados pela literatura convencional e sequer cartografados pela crítica. O futebol é abordado de maneira original em cada um desses trabalhos. Elementos sobrenaturais, futuristas ou hipotéticos são escalados no meio da peleja, como verdadeiras armas secretas, realçando a diferença entre o futebol real e um outro, fantástico mas igualmente apaixonante, que ainda não existe, mas que poderá vir a ser ou poderia ter sido. Além da preleção inicial do Mestre Telê Santana, craque brilhante dentro e fora das quatro linhas e mentor do nosso *dream team* da Copa de 1982, há neste livro histórias capazes de agradar leitores de predileções diversas. Trabalhos que sem dúvida estimularão a imaginação do leitor, fazendo-o pensar em como será o futebol do Terceiro Milênio. Autores: Marcello Simão Branco, Fábio Fernandes, Ataíde Tartari, Ivan Carlos Regina, Octávio Aragão, Adriana Simon, Gerson Lodi-Ribeiro, Bráulio Tavares, Carla Cristina Pereira, Carlos Orsi Martinho e Cesar R. T. Silva.

O preço de R\$18,00 inclui as despesas postais. Pedidos: Caixa Postal 375, S. André – SP, 09001-970, ou pelo e-mail <anoluz@hotmail.com>. (por Gerson Lodi-Ribeiro)

O ARCO-ÍRIS

DA GRAVIDADE

(*Gravity's Rainbow*)

(Companhia das Letras)

Publicado originalmente em 1973, um dos clássicos da contracultura, *Gravity's Rainbow* é o romance que transformou Pynchon em ídolo absoluto dos cyberpunks - no prefácio da coletânea *Reflexos do Futuro*, Sterling descreve Pynchon como “um autor cuja integração de tecnologia e literatura permanece insuperável”. A história se passa durante a II Guerra Mundial e é (mais ou menos) a seguinte: quando bebê, o norte-americano Tyrone Slothrop (cujo nome é um anagrama de “entropy or sloth”) foi submetido a experiências de reflexo condicionado por um psicólogo behaviorista que queria estudar o teso-

do infantil. Depois de adulto, Slothrop é um tenente servindo na Inglaterra, onde se comporta como um verdadeiro Dom Juan, dormindo com uma série de garotas, cuja conquista ele assinala com um mapa. Acontece que, quando se superpõe esse mapa com o dos bombardeios alemães na Inglaterra, os aliados fazem uma descoberta perturbadora: cada local onde Slothrop teve uma ereção coincide exatamente com o local onde, dias “depois”, cairia uma bomba V2. Isso faz com que Slothrop se torne o foco de atenção da Aparição Branca, a divisão psi das forças aliadas, que investiga como poderes paranormais podem ser utilizados como armas de guerra. Em torno desse enredo, Pynchon pendura nada menos que 400 personagens e oitocentas páginas de romance. Só nas primeiras 50 páginas, encontramos um agente da divisão psi das forças aliadas que tem o poder de mergulhar nas fantasias das outras pessoas e experimentá-las sob a forma de alucinação (sim, as letras p, k e d vêm irremediavelmente aos olhos, até porque o Pynchon sempre admitiu que uma de suas fontes foi a FC dos anos 50 e 60); um cientista maluco que vive caçando vira-latas pra suas experiências em meio às ruínas da guerra; um bando de espões que usa médiuns e espíritos pra obter informações sigilosas e um grupo ou seita portador de um misterioso Livro que eles lêem em reuniões solenes uma vez por semana - isso entre outros delírios barrocos, como a invasão de Londres por uma adenóide gigante, no melhor estilo filme B. Agora, um detalhe: o livro é pra quem se interessa por literatura experimental. Pynchon muda o foco narrativo o tempo todo, tem capítulos que a gente não sabe sob qual ponto de vista estão sendo contados, nem se o que está acontecendo é real ou alucinatório. Quem gosta de histórias bem explicadinhas, com começo, meio e fim claramente definidos, melhor manter distância - vai achar o livro chato. Mas quem não faz questão de tudo mastigadinho na hora de ler e se dispuser a enfrentar o calhamaço que é *O Arco-Íris da Gravidade*, vai estar lendo um dos livros mais interessantes — e engraçados — do século. (por Lúcio Manfredi)

KAFKA

(Companhia das Letras)

A editora esta relançando toda a obra de Kafka em edições muito bonitas e com tradução direto do alemão. As traduções são do Modesto Carone, que começou a fazer esse trabalho na Brasiliense, antes da editora afundar. É a primeira tradução direta do original que sai no Brasil, as outras eram feitas a partir do inglês e até do espanhol.

PRÊMIO NOVA

DE FICÇÃO CIENTÍFICA

(Biblioteca Essencial da FC

Brasileira; volume 3; R\$32,00)

Antologia dos primeiros dez anos do prêmio, organizada por Marcello Simão Branco. O livro contém todos os 16 trabalhos de ficção vencedores do Prêmio Nova entre 1987 e 1996, mais ensaios críticos sobre o Nova. Uma obra de referência e leitura fundamental para a compreensão do desenvolvimento da ficção científica brasileira entre os anos 80 e 90.

Vencedores:

“Pela Valorização da Vida”, Ivan Carlos Regina; “A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo”, Ivan Carlos Regina; “Sympathy for the Devil”, Bráulio Tavares; “Projeto Mulah de Tróia”, B.B. Jenitez (Osame Kinouche Filho); “Mestre de Armas”, Bráulio Tavares; “Patrulha para o Desconhecido”, Roberto de Sousa Causo; “Tocar os Anjos”, Roberto de Sousa Causo; “Ato Continuum”, Sylvio Gonçalves; “Um Dia com Júlia na Necrosfera”, João Manuel Barreiros; “Os Fantasmas de Vênus”, Roberto Schima; “Ao Encontro do Sonho”, Roberto Schima; “O Pássaro Ferido”, Jorge Luiz Calife; “A Nuvem”, Ricardo Teixeira; “A Escuridão”, André Carneiro; “A Fábrica”, Carlos Orsi Martinho; “O Vampiro de Nova Holanda”, Gerson Lodi-Ribeiro.

Ensaaios:

Introdução - “Nova, Uma História de Polêmicas e Realizações”, Marcello Simão Branco. “Prêmio Nova: Os Seis Anos da SBAF”, César R.T. Silva; “O Testemunho de Dez Anos”, Roberto de Sousa Causo.

Pedidos: Edgard Guimarães, editor, Praça Monsenhor Noronha, 21,

Brasópolis, MG, 37530-000.

ADVOGADO DO DIABO

(*The Devil's Advocate*)

(Record)

Livro de horror escrito por Andrew Neiderman e traduzido por Flávia Villas-Boas.

O MUNDO VIRTUAL: OS SEUS REINOS E A RODA DA VIDA

(*RIM: A Novel of Virtual Reality*)

(Ediouro)

Tradução de Claudia Costa Guimarães.

CROMOSSOMO 6

(*Chromosome 6*)

(Record)

Escrito por Robin Cook e traduzido por Sylvio Gonçalves.

BESTSELLERS DE FC

SEGUNDO A AMAZON BOOKS

[<http://www.amazon.com>]

títulos em inglês

GERAL:

1. *Snow Crash* - Neal Stephenson
2. *The Sparrow* - Mary Doria Russell
3. *Contact* - Carl Sagan
4. *Red Mars* - Kim Stanley Robinson
5. *The Diamond Age* - Neal Stephenson
6. *Doomsday Book* - Connie Willis
7. *Ender's Game* - Orson Scott Card
8. *Blue Mars* - Kim Stanley Robinson
9. *The Stars My Destination* - Alfred Bester
10. *Green Mars* - Kim Stanley Robinson

AVENTURA

1. *Starship Troopers* - Robert A. Heinlein
2. *The Sparrow* - Mary Doria Russell
3. *The Ultimate Hitchhiker's Guide* - Douglas Adams
4. *The Anubis Gates* (Ace Science Fiction) - Tim Powers
5. *Triplanetary: A Tale of Cosmic Adventure* (Lensman Series/Edward E. Smith, 1) - Edward E., Ph.D. Smith
6. *First Lensman* (Smith, E. E. History of Civilization, V. 2.) - E. E. Smith
7. *Ports of Call* - Jack Vance
8. *The Bones of Time* - Kathleen Ann Goonan
9. *The Warrior's Apprentice* - Lois McMaster Bujold
10. *Mindstar Rising* - Peter F. Hamilton

HISTÓRIA ALTERNATIVA

1. *Timequake* - Kurt Vonnegut
2. *The Man in the High Castle* - Philip K. Dick
3. *Roads Not Taken: Tales of Alternate History* - Gardner Dozois (editor), Stanley Schmidt (editor)
4. *For Want of a Nail: If Burgoyne Had Won at Saratoga* - Robert Sobel
5. *Making History* - Stephen Fry
6. *Darwinia* - Robert Charles Wilson
7. *Alternate Generals* - Harry Turtledove (editor)
8. *The Moon Is Down* (Twentieth-Century Classics) - John Steinbeck, Donald V. Coers (introdução)
9. *The Resurrections: A Novel* - Simon Louvish
10. *History That Never Happened: A Treatise on the Question, What Would Have Happened If...?* Alexander Demandt

ANTOLOGIAS

1. *The Ultimate Hitchhiker's Guide* - Douglas Adams
2. *Roads Not Taken: Tales of Alternate History* - Gardner Dozois (editor), Stanley Schmidt (editor)
3. *Sword of Ice: And Other Tales of Valdemar* - Mercedes Lackey (editor), John Yezeguielian
4. *The Year's Best Science Fiction: Fourteenth Annual Collection* - Gardner Dozois (editor)
5. *The Year's Best Science Fiction: Fifteenth Annual Collection* - Gardner Dozois (editor)
6. *Nebula Awards 31 SFWA's Choices for the Best Science Fiction and Fantasy of the Year* - Pamela Sargent
7. *Year's Best SF 2* - David G. Hartwell (editor)
8. *The Way It Wasn't: Great Science Fiction Stories of Alternate History* - Martin Harry Greenberg (editor)
9. *Space Opera* - Anne McCaffrey (editor)
10. *Alternate Generals* - Harry Turtledove (editor)

HIGH TECH

1. *The Forever War* - Joe W. Haldeman
2. *The Reality Dysfunction: Emergence* - Peter F. Hamilton
3. *The Reality Dysfunction: Expansion* - Peter F. Hamilton
4. *Children of the Mind* - Orson Scott Card

5. *Echoes of Honor* (Weber, David, Honor Harrington Novels) - David Weber
6. *The Neutronium Alchemist: Conflict* - Peter F. Hamilton
7. *The Neutronium Alchemist: Consolidation* (Neutronium Alchemist, nº1) - Peter F. Hamilton
8. *3001: The Final Odyssey* - Arthur Charles Clarke
9. *Idoru* - William Gibson
10. *Software* - Rudy Rucker

SÉRIES

1. *An Exchange of Hostages* - Susan R. Matthews
2. *In the Beginning (Babylon 5)* - Peter David
3. *Star Wars: The Essential Guide to Weapons and Technology* - Bill Smith, David Nakabayashi (ilustrador)
4. *Babylon 5: Point of No Return* - Jane Killick, J. Michael Straczynski
5. *The Paradise Snare (Star Wars: The Han Solo Trilogy)* - A. C. Crispin
6. *Star Wars: The Essential Guide to Vehicles and Vessels* - Bill Smith
7. *The Hunters: Twilight of the Clans III (Battletech Series , nº 35)* - Thomas S. Gressman, Robert Thurston
8. *Prisoner of Conscience* - Susan R. Matthews
9. *Thirdspace (Babylon , nº 5)* - Peter David
10. *The Mandalorian Armor (Star Wars)* - K. W. Jeter

HQ

1. *Sandman : Preludes and Nocturnes* Neil Gaiman, Michael Hill (editor)
2. *Watchmen* - Alan Moore
3. *Death: The High Cost of Living* - Neil Gaiman
4. *Kingdom Come* - Mark Waid
5. *Sandman: Season of Mists* - Neil Gaiman
6. *Sandman: Fables and Reflections* - Neil Gaiman
7. *Sandman Dream Country* - Neil Gaiman
8. *The Sandman: The Doll's House* - Neil Gaiman
9. *The Sandman: Worlds' End* - Neil Gaiman
10. *Sandman: A Game of You* - Neil Gaiman

CONTOS

1. *Fahrenheit 451* - Ray Bradbury
2. *I, Robot* - Isaac Asimov
3. *Burning Chrome* - William Gibson
4. *More Than Honor* - David Weber (Editor)
5. *The Year's Best Science Fiction: Fourteenth Annual Collection* - Gardner Dozois (Editor)
6. *The Year's Best Science Fiction: Fifteenth Annual Collection* - Gardner Dozois (Editor)
7. *Year's Best Sf 2* - David G. Hartwell (Editor)
8. *Crashlander* - Larry Niven
9. *Fire Watch* - Connie Willis
10. *Axiomatic* - Greg Egan

HISTÓRIA E CRÍTICA

1. *The Dreams Our Stuff Is Made of : How Science Fiction Conquered the World* - Thomas M. Disch
2. *Star Wars: The Magic of Myth* - Mary S. Henderson
3. *Time Travel (Science Fiction Writing Series)* - Paul J. Nahin
4. *Nightmare on Main Street : Angels, Sadoomasochism, and the Culture of Gothic* - Mark Edmundson
5. *Empire Building: The Remarkable Real-Life Story of Star Wars* - Garry Jenkins
6. *Gold: The Final Science Fiction Collection* - Isaac Asimov
7. *Monsters Are Attacking Tokyo!: The Incredible World of Japanese Fantasy Films* - Stuart Galbraith
8. *The Star Diaries* - Stanislaw Lem
9. *Those Who Can: A Science Fiction Reader* - Robin Scott Wilson (Editor)
10. *Screening Space: The American Science Fiction Film* - Vivian Carol Limits of Infinity Sobchack

Televisão

THE KINGDOM/ I/ II

Série transmitida todo domingo 22h30 no Eurochannel. Sucesso do diretor Lars von Trier, é uma história bizarra e sobrenatural, cheia de fantasmas, demônios e outros espíritos. Escrita por Niels Vørsel e pelo próprio diretor, foi produzida como série de TV, mas exibida também nos cinemas como longa-metragem. *The Kingdom I* é a primeira parte e tem quatro horas de duração. A série alcançou um sucesso

inesperado e o diretor decidiu fazer uma continuação, *Kingdom II*. Já há planos para a criação da terceira parte mas enquanto a história não chega ao fim, o Eurochannel exibe as duas primeiras partes deste grande sucesso. O dinamarquês Lars von Trier nasceu em 1956. Começou a estudar cinema aos 20 anos e antes de formar-se pela Escola de Filmes da Dinamarca já havia feito mais de 40 comerciais e inúmeros vídeos de música. Seu projeto de graduação foi o filme *Imagens de um Alívio*, que recebeu dois prêmios especiais em um concurso em Munique e foi vendido para a televisão na Inglaterra e Dinamarca. Foi aí que ele começou a se tornar conhecido do público.

The Kingdom: O hospital estadual foi construído sobre um charco. Nelas águas lavavam-se roupas, que secavam esticadas sobre o chão. O vapor d'água formava uma neblina, envolvendo permanentemente o lugar. Quando o hospital foi construído, as roupas deram lugar a médicos e pesquisadores, aos melhores cérebros do país e à tecnologia mais avançada. O projeto foi chamado "The Kingdom" (O Reino). Um lugar onde a Ciência não mais permitiria que ignorância e superstição pusessem em dúvida suas verdades; onde a existência de uma vida espiritual era negada com arrogante superioridade. Mas talvez fosse muito cedo para tantas certezas. Pouco a pouco o sólido e moderno edifício começou a dar sinais de cansaço... O frio e a névoa parecem ter voltado... Ninguém percebeu ainda, mas o portal do Reino começou a reabrir. (por Ramon Bacelar)

SPACE ISLAND ONE

Toda segunda 19h40, reapresentação toda terça 12h30. Produção de Bard Entertainments Ltd. Muita ação e aventura nesta série sobre pessoas e seus relacionamentos em um ambiente pouco comum: uma estação espacial permanentemente tripulada, orbitando a duzentos e cinquenta quilômetros da Terra. A história se passa nas primeiras décadas do século XXI, e o espaço é onde vivem e trabalham os sete tripulantes desta estação. Eles estão envolvidos em projetos de pes-

quiza altamente sofisticados. Mas além disso têm que administrar suas próprias vidas, ainda mais complexas devido às circunstâncias em que vivem. A tripulação é formada por Kathryn McTiernan (Judy Loe), Walter B Shannon (Angus MacInnes), Dusan Kashkavian (Bruno Eyron), Paula Hernandez (Indra Ové), Kaveh Homayuni (Kourosh Asad), Henrietta "Harry" Eschenbach (Julia Bremermann), Lyle Campbell (William Oliver) e Roams 1e 2. Eles são pioneiros em uma estação de cinquenta bilhões de dólares capaz de se auto-sustentar por tempo indefinido. Neste ambiente, os problemas da vida na Terra parecem ainda mais intensos. Solidão, mudanças de temperamento, afeição, tédio, rivalidade, tudo foi levado na bagagem dos viajantes. A rotina de trabalho e os fatos extraordinários com que se deparam, fazem de *Space Island One* uma aventura única. (por Ramon Bacelar)

Vídeo

O Profeta

(Prophet; EUA; 1998;
California Vídeo)

Um filme a nível de obra-prima e com a marca de Roger Corman, o maior gênio do cinema norte-americano contemporâneo. É mais um, da longa série que Corman vem produzindo desde 1990 com Don "The Dragon" Wilson, campeão mundial de kickboxing, sem embargo, um dos melhores atores que o cinema forjou. Wilson interpreta Jarrid Maddox, um agente da CIA enviado numa falsa missão que descobre estar sendo enganado pelos próprios colegas, que o condenam à morte. Maddox fora, em 1966, uma de seis crianças órfãs utilizadas pela CIA em experiências cruéis que as tornaram sensíveis, capazes de visão remota, como o Frank Black de *Millenium*. A história segue a mesma linha corajosa de outras parcerias da dupla Corman-Wilson, denunciando a sociedade corrupta dos Estados Unidos, e especialmente a corrupção das autoridades constituídas (polícia, CIA, FBI e governo). No fim, uma cena antológica (sempre há cenas antológicas nos filmes de Roger Corman); quando Maddox pergunta a

si próprio: "Quanto tempo falta para que pirem?" Uma feroz metáfora à Corman.

Produção da Royal Oaks/ Concorde/ New Horizons). Produção executiva: Roger Corman. Direção de produção: Ashok Amritraj e Andrew Stevens. Direção: Fred Olay Ray. Elenco: Don "The Dragon" Wilson, Alexander Keith, Paul Michael Robinson, Arthur Roberts, Eric Lawson e Barbara Steele (como a agente Oackley). Fotografia: Gary Graver. Roteiro: Ron Mc Kernan. Música: Timothy Wynn. (por Miguel Carqueija)

Óbitos

O ator inglês Roddy McDowall morre aos 70 anos em Los Angeles de câncer. Ele se notabilizou entre os fãs de FC e horror por alguns filmes marcantes como *O Planeta dos Macacos* - em que interpretou o macaco médico Cornelius. Trabalhou também em filmes de horror como *A Casa da Noite Eterna* e *A Hora do Espanto*. Em termos de seriados de TV atuou em *Viagem Fantástica*, de 1977 e na série *Planeta dos Macacos*. Além de ator era um fotógrafo de destaque internacional, com seis livros sobre fotografia de sua autoria. (por Marcello Simão Branco)

Faleceu em São Paulo aos 72 anos de idade, o crítico, tradutor e poeta José Paulo Paes, que foi um dos críticos brasileiros que mais consistentemente escreveram a favor da literatura popular, inclusive a FC. Seus ensaios sobre *O Homem Demolido* de Alfred Bester (reunidos no livro *Gringos e Baianos*, Ed. Brasiliense) são magníficos. (por Bráulio Tavares)

...Paes nasceu em Taquaritinga, em 1926. Estudou química industrial em Curitiba, onde publicou seu primeiro livro, *O Aluno*, em 1947. Esse livro de estréia foi profundamente marcado pela influência da sintaxe drummondiana. Numa carta enviada ao colega, Drummond aconselhou-o a ler poetas de outras línguas para livrar-se da dicção poética de seus próximos, conselho que Paes aceitou, tornando-se o grande divulgador da obra de poetas como Ungaretti.

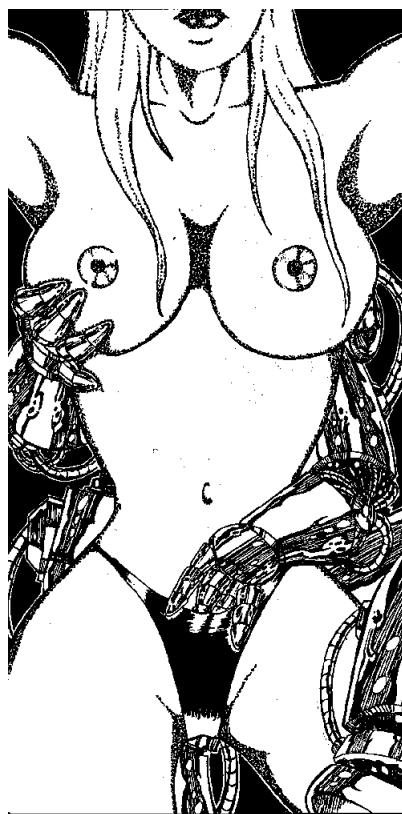
Autodidata, aprendeu grego moderno por intermédio de um curso de *linguaphone* para produzir uma antologia de poesia grega, que lhe custou três anos de trabalho, e lançou uma versão definitiva dos poemas de Kaváfis. Casado com a professora de dança Dora, a quem dedicou poemas em seu segundo livro, *Cúmplices* (1951)... (obituário publicado em 10 de outubro no O Estado de S. Paulo e enviado por Marcello Simão Branco)

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer a todos que enviaram ou disponibilizaram material para ser publicado, em especial ao site Parada [<http://www.parada.com.br>].

Atenção:

O *Somnium* é o fanzine oficial do CLFC, feito por associados do CLFC para os associados do CLFC. Participe você também enviando notícias diversas para <asimon@uol.com.br>; contos, artigos e resenhas para <msbranco@uol.com.br> e ilustrações e HQs para o endereço do CLFC, Caixa Postal 2105, S.Paulo - SP, 01060-970.



Marcelo Salaza 97

*O Listserver do CLFC é um fórum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, financiado pelo CLFC e coordenado por Gerson Lodi-Ribeiro, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Para esta edição do **Somnium**, selecionamos mensagens postadas no Listserver do CLFC durante os meses de setembro, outubro e novembro. Os interessados em ingressar na lista devem mandar uma mensagem vazia para: <lista-do-clfc-subscribe@egroups.com>.*

Notas de auxílio à leitura:

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens estão mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma).

As mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, sem alterar o seu conteúdo. Na medida do possível os autores das mensagens estão identificados.

Assunto: Ofiuco

Terminei de ler hoje *Ofiúco, o Aviso*, do John Varley. O livro vinha com a melhor das referências para mim. Só que... Decepção. O enredo é interessante, cheio de idéias ousadas sobre a condição humana frente à ciência e tecnologia, imagens bonitas. Só que é muito mal amarrado, com pontas soltas, passagens obscuras, um final frouxo que mais complica do que explica, como se o Varley estivesse com preguiça de aprofundar mais as questões. A presença dos Invasores é secundária e mal explicada o livro inteiro e no fim ele ainda vincula os Invasores com o pessoal de Ofiúco e deixa tudo solto, mal explicado. Uma história com ótimo potencial mas estragada nas mãos de um escritor incompetente em desenvolver as questões instigantes que levanta. Isso sem falar nos personagens razos e superficiais. Nem a tentativa de dar voz feminina adiantou: clones de clones, uns mais vazios do que os outros. O cara ficou no meio do caminho: "E agora o que eu faço com tudo isto? Vou deixar como está. Menos mal do que tentar amarrar tantas questões e não ser convincente." Pfiu. E gente como John Clute destaca este livro como um dos melhores dos anos 70... Se querem minha simples opinião... passem longe deste livro.

|Marcello

Assunto: Re: Ofiuco

Olha, desta vez, *excepcionalmente*, tenho que concordar com o John Clute. Achei o livro do cacete! O romance sofre de excesso de conteúdo? De fato, um pouquinho. Talvez, se escrito hoje em dia, *Ophiuchi* teria saído sob a forma de trilogia, para grande prazer dos leitores e fans de Varley. O final decepciona um pouco em relação ao ritmo excelente que vinha sendo mantido desde o início? Talvez...(...) Com todos estes percalcos, *The Ophiuchi Hotline* é um tremendo romance. Tem ideias maravilhosas, um grande desenvolvimento, não está datado e é de fato das melhores coisas que se escreveu em termos de FC hard nos anos 1970. Algumas das

reclamações do Marcello são de fato pertinentes. A presença dos Invasores é de fato secundária. Mas isto foi uma opção do autor. O tema dos Invasores em si é mero pano-de-fundo, e não a história que Varley nos quer contar. A história que ele quer de fato contar é a dos clones e clones de clones, e a do Segundo Contato. E essas histórias ele realmente nos conta muito bem. O nome do romance é *The Ophiuchi Hotline*. Se vocês puderem, compreem direto em inglês. Se não for possível, leiam em português mesmo. Eu recomendo.

Gerson Lodi-Ribeiro

Assunto: Re: Ofiuco

Muito oportuna essa sua crítica quanto ao final mal-amarrado do Ofiuco. Oportuna, porque se presta a uma discussão mais ampla sobre um tema que venho matutando já faz algum tempo. Mais especificamente, desde que percebi que a FC é muito mais do que guerras estelares, impérios galácticos fajutos e naves espaciais indo para onde ninguém ainda tinha ido (a PQP não serve). Trata-se da questão de se humanamente temos/teremos (ou não) condições de imaginar e descrever uma civilização, cultura ou algo/alguém que REALMENTE extrapole ou transcenda a nossa "condição humana", forjada por zilênios de evolução aqui na Terra. E notar que não estou falando especificamente só de ET's: as extrapolações da FC sobre o futuro das nossas próprias civilizações humanas são normalmente de um paroquialismo contrangedor, prendendo-se mais aos "gadgets" em si do que às implicações sociais e revoluções nos costumes causadas pelos ditos cujos. Basta lembrar a famosa Fundação do Asimov, cujos personagens, apesar de envolvidos numa tecnologia avançadíssima, comportam-se como se saídos do Brooklin/NY dos anos 50 (1950!!).

A meu ver, até agora pelo menos, ninguém chegou lá. Até o grande ACClarke, que deu uma tacada bem perto (em Childhood's End), pisou miseravelmente no trôço na conclusão da série Rama - virou uma mistura pseudo-filosófica confusa e insatisfatória. Passo agora a bola para os eruditos de plantão: abram-se as portas e páginas das Enciclopédias Britânicas e de FC, espante-se o pó de vetustos Argonautas etc etc etc...

A. Kepler, o outro...

Subject: Re: Futuros plausíveis

Acabei de ler A Cidade e as Estrelas e estremeci de receio de começar a dizer o que vou dizer, pois sei que tem muita

gente aqui que tem nesse livro a sua filosofia de vida. Bom, eu nao gostei. O livro eh fraquissimo, tanto literariamente (alias, um dos mais fracos do Clarke que jah li, mesmo em relacao as sequelas de RAMA) e de uma superficialidade simploria. Parece que Clarke decidiu apenas contar uma historinha para crianacas dormirem. Imaginar que uma sociedade tao distante no futuro ainda guardasse em si receios e motivacoes ancestrais de quando seus antepassados ainda tinham unhas e dentes e dificil de engolir. Ainda que se preserve o interessante background da cidade auto-suficiente, no final soh se salva mesmo isso. Nem mesmo as cenas de acao (rarissimas) e de exploracao empolgam. Acho que eh um bom livro apenas para se iniciar na FC, pois eh absolutamente digestivo. Os personagens sao puro estereotipo e ninguem ali parece estar realmente se importando com o que acontece na historia. Alias, devo fazer justica a Gentry Lee. O cara ainda nao pegou uma boa historia original sem a muleta do ACC, mas que ele escreve bem, escreve. O Berco dos Super-humanos eh muito legal, e ele desenvolve os personagem muito melhor que o Clarke. Eh claro que estah longe de alcancar os tempos de gloria do mestre, principalmente Encontro com Rama, O Fim da Infancia e Fontes do Paraiso, mas nao demora muito e ele vai se tornar tambem um grande na FC.

Cesar.

Subject: Classico de Clarke

Quem estremeceu fui eu ao ler seu e-mail,tudo bem e tudo questao de gosto e eu ate concordo quando voce diz que os persomagens sao mal desenvolvidos (o maior defeito de titio Clarke) e isso nao acontece so na Cidade e...agora voce dizer que o livro e "literariamente fraco" e a estoria simploria eu nao concordo de jeito nenhum, e o livro mais intenso e denso de Clarke e IMHO foi neste livro que ele atingiu a maturidade narrativa, a estoria de Alvin e sua jornada atraves de Diaspar e Lys e emocionante,IMHO A Cidade e as Estrelas e o maior livro de FC de todos tempos. Ramon Bacelar

Subject: Re: Classico de Clarke

O que posso dizer? Heresia... heresia. *A Cidade e as Estrelas* é uma obra-prima não só do Clarke, mas de toda a FC. O cenário futurístico que ele imagina é fascinante. Terra há um bilhão de anos, o mistério do abandono das estrelas, a dicotomia entre dois paradigmas sociais: a Diaspar, ultra tecnológica, materialista e impessoal e a pretensamente humana, bucólica Lys. Só por aí monta-se um enredo dos mais ricos e respeitáveis. Personagens fracos? Isso é chover no molhado em Clarke. Mas eu lembro de passagens com Hilvar, Alystra e Khedron, exatos 15 anos depois de ler este clássico. O terço final então é delirante! Sense of wonder. É um livro rico, sofisticado, ousado, que se fica datado em algumas especulações de ordem social tem a ressalva de olhá-lo dentro da época e do contexto da FC. É um livro de um sentido filosófico sobre a condição humana e o destino da humanidade poucas vezes visto na história da FC. Cesar, me perdoe, mas que heresia tu escreveu...

Marcello.

Subject: Sacramento, de Clive Barker

Fábio: Estou lendo *Sacramento* do Clive Barker, para fins de resenha. Achei interessante toda a caracterização do homossexualismo no livro, e, como não conheço muito do autor, gostaria de saber de você (que, pelo que sei, traduziu todos os livros dele no Brasil) em que outros romances dele o tema do homossexualismo ou do homoerotismo aparece. E também suas impressões sobre o trabalho de tradução.

Roberto de Sousa Causo

Subject: Re: Sacramento, de Clive Barker

Não cheguei a traduzir todos os livros do Barker no Brasil, Causo. A Aulyde Soares Rodrigues (tradutora, entre outros, de *Shikasta*, da Doris Lessing) traduziu dois volumes dos Livros de Sangue e O Jogo da Perdição, embora este último tenha sido feito às pressas na época e contenha um número absurdo de erros (Talvez eu o retraduzo ano que vem, mas por enquanto é só especulação). O resto eu realmente traduzi, e estou aguardando a chegada do mais recente livro dele, *Galilee* (não sei do que se trata ainda) para traduzir para ano que vem.

Barker, não sei se o pessoal da lista sabe, assumiu publicamente sua homossexualidade em 1997. Antes disso, algumas histórias já tocavam neste tema: Em *Nas Cidades, Nas Colinas*, uma das histórias mais arrepiantes dos Livros de Sangue (do número 1, acredito, essa tradução foi da Aulyde), os protagonistas são um casal gay de férias no Leste Europeu. Em *Imajica*, um dos personagens tem uma orientação plurissexual. A história que deu origem ao filme *Candyman* tem um personagem secundário homossexual. Praticamente todas as histórias de Barker apresentam o binômio sexo-violência, e ele é bastante aberto em relação a ambos os temas.

Agora, *Sacramento* é seguramente a história mais confessional dele. A história da vivência do fotógrafo Will Rabjohns em San Francisco tem provavelmente muitos elementos autobiográficos de Barker, e o contexto místico nesta história serve mais como pretexto para a busca de Will pelo autoconhecimento. Não é recomendável para quem está querendo uma história fantástica de horror ou sofre de homofobia, mas é um excelente livro. Ah, e não deu muito trabalho para traduzir, como de resto a maioria dos livros do Barker. Ele escreve muito bem e com bastante clareza, com o interesse óbvio de comunicar sua mensagem ao maior número possível de leitores. Vale a pena.

Fábio

Subject: The Truman Show

Fui ver hoje o elogiado *The Truman Show*. Que filmaco! A mais inteligente critica sobre a televisao, os meios de comunicacao e o impacto social, etico e politico que ela causa na sociedade. Roteiro enxuto, criativo, direcao inspirada, musica calcada em classicos como Mozart e Chopin (claro, isso nao e gratuito). Alias, nada e deslocado no filme. Surpreende ate a interpretacao de Jim Carrey. Ele esta otimo como o sujeito que nasce dentro do programa de TV. Este mail nao e off-toppic. *The Truman Show* e

uma historia exemplar de ficcao especulativa, com toques verdadeiramente a la Philip K. Dick - lembra por vezes o drama de Jason Taverner de *Identidade Perdida*, embora o enfoque seja outro. Certamente Dick teria gostado do filme. Marcello.

Subject: Re: The Truman Show

Também fui ver o *Truman Show* nesse fim-de-semana e concordo, ele tem tudo pra ser o *Blade Runner* dos anos 90: um roteiro inteligente, uma direção cheia de ótimas sacadas e as mesmas questões básicas, a natureza da realidade e o confronto entre criador e criatura. É um desses filmes que tende a crescer a cada vez que a gente revê.

O Dick tem um outro livro que lembra *Truman Show* ainda mais de perto, porque também envolve um protagonista que vive numa cidade cenográfica: é *Time Out of Joint*, que saiu pela Argonauta como *O Homem Mais Importante do Mundo*. Na verdade, quando o filme foi lançado nos Estados Unidos, teve um grupinho de dickianos que chegou a acusar o filme de plágio. Bobagem, claro, porque o tema é clássico, não só na literatura (é só lembrar da *Vida é Sonho*, do Calderón de la Barca) mas também, inclusive, nos delírios dos paranóicos - que talvez, por baixo da camada delirante, escondam uma intuição bastante precisa sobre a realidade...

Lúcio

Subject: Truman Show - O Show da Vida

Foi com muito entusiasmo e alegria que neste fim de semana pude apreciar uma obra cinematografica que REALMENTE me agradou nesses magros e parcos anos 90. O nome do detentor dessa proeza eh O Show de Truman - O Show da Vida. Sufocado e elameado por esse mar de pessimas refilmagens e reaproveitamentos de filmes e ideias jah bastante desgastadas nao eh que surge uma luz no fim do tunel. Depois de poder provar e sorver de tao interessante e excelente obra fico com um pouco menos otimista em relacao ao futuro do cinema. Continua valendo ainda a maxima de que uma boa historia, um bom roteiro e um diretor de qualidade a realmente conduzir a obra podem transformar mesmo um canastrao e as vezes limitado Jim Carrey num ator de verdade. Truman Show jah começa selecionando seu publico. Garotoes anabolizados com cara de surfistas e levantadores de peso e cocoquitinhas a la Alicia Silverstone jah desenfetam o ambiente no maximo durante os primeiros 30 minutos de filme. Esses primeiros minutos exigem atencao e concentracao do expectador. Sao os momentos de preparacao para que uma sessao de acontecimentos coloquem voce em um emarranhado de emocoes, pensamentos e questionamentos. Pobres dos ignorantes que entrem nesse filme pensando estar entrando na sala pra assistir a mais uma comedia desmiolada de Jim Carrey. Esses quebram a cara colossalmente.

Na minha opiniao Truman Show pode ser classificado como um Drama de Realismo Fantastico. Eh um filme que tem conteudo e que pode ser analisado e discutido sob diversos angulos. O angulo mais superficial seria a critica aos meios de comunicacao. Mas ateh aih nada de novo. Alias essa critica jah se tornou tao cotidiana e banal, que se o filme

baseia-se soh nisso seu futuro seria bem menos eficaz. Nao que o quinhao de critica a midia no filme nao tenha seu valor e sua perspicacia. Mas ha outros entremeios e conteudos a falar. A nossa impotencia frente as forças do universo. A falso controle sob nossos passos nesta existencia terrena. Mesmo sendo leigo no assunto acho que fica perceptivel a influencia dickiana na obra. Temos ainda a escolha entre a liberdade de um mundo selvagem e imprevisivel versus a seguranca de uma redoma de perfeicao e previsibilidade. Enfim muitos temas são abordados nesse filme. E eu tambem nao poderia deixar de mencionar a excelente e inteligente escolha que Jim Carrey fez ao participar dessa obra. Esse fato na opiniao o catapulta a real posicao de ator. E nao de mero careteiro incendiador de gases fratulentos. Excelente tambem eh a interpretacao de Richard Harris como o "Deus onipotente" e controlador. Aquele que cre saber e controlar todos os designios de sua cria. Truman, fruto de uma gravidez indesejada, adotado e "comprado" como o primeiro bebe de propriedade de uma mega-corporacao. Colocado e criado sob um aboboda gigante, um estudio colossal e fantastico. Uma criatura a servico da audiencia televisiva durante mais de 30 anos, a merce de um homem com ares de Deus. Um homem com capacidades de fazer chover, de dar o dia e a noite. Mas mesmo assim um homem falivel e sem controles sob o imprevisivel desse universo maluco em que vivemos.

Arrisque uma passada nos cinemas. Mesmo que voce nao goste ou ache minha opiniao exagerada e boba. Ainda assim voce com certeza estarah indo ver um dos filmes dessa decada que valem ser vistos no cinema. Nada de Godzilas e nem Arquivos X. Soh Truman, "O Deus Homem" e voce. Uma grande pedida nestes tempo de vacas magras.

Jose Agnelo.

Subject: The Truman Show

Claro que não é off-topic, Marcello. *Truman Show* é ficção científica pura. Vi o filme com um grupo de amigos e à saída falei que o tema era antigo na FC, e a reação unânime foi: "Mas o que que este filme tem a ver com FC?" Para o publico em geral (para esses amigos) FC significa apenas espaçonaves, robôs, alienígenas. Mas eu diria que existe mais espessura científica (falo de Sociologia, de Teoria da Comunicação de Massas, de Telecomunicações, etc.) em *Truman Show* do que em toda a serie *Guerra nas Estrelas* (que não passa de uma história de fantasia com roupagem tecnológica). E para os que acham que ciencia quer dizer tecnologia (o que é um equivoco, mas ainda é parametro p/muita gente), basta lembrar a enorme cupula construída para o "programa", com sol e lua virtuais e o escambau. Sou meio suspeito para falar porque o roteiro tem um lado philipkdickiano muito forte, mas achei *Truman Show* o melhor filme de FC dos ultimos anos, e a possivel abertura para que nos proximos anos tenhamos no cinema mais FC e menos espaçonaves & androides & ETs. (Nada contra estes ultimos, claro,mas tudo de mais acaba enjoando).

Braulio Tavares

Fronteiras: Terceiros Encontros da FC&F Portuguesa

por Gerson Lodi-Ribeiro

Chegada a Portugal:

Parti do Rio de Janeiro às 08:00h da manhã em vôo diurno da TAP, chegando em Lisboa às 21:45h, hora local, para uma estada de nove dias na Vila de Cascais, para representar pela terceira vez consecutiva o fandom brasileiro em geral e o CLFC em particular nos Encontros de Ficção Científica e Fantástico da Língua Portuguesa, cujo tema básico escolhido foi “Fronteiras”.

Depois de uma espera de cerca de uma hora pela liberação da bagagem, pude ter com os amigos António de Macedo e Daniel Tércio, que me aguardavam na área de chegada do aeroporto.

Macedo conduziu-me para Cascais. Fomos direto ao Dramático, estádio municipal onde se situa a sede da Simetria. É espantoso que em pouco mais de um ano de existência, a Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico (Simetria) tenha conquistado uma sede própria junto ao poder público local. Os fãs portugueses estão de parabéns por sua sede nova e funcional.

Na Simetria, encontrei a Paula “Xinha” Barreto, uma jovem socióloga angolana de 24 anos que eu já conhecia dos Primeiros Encontros em 1996 e em cuja residência hospedei-me ao longo de minha estada em Portugal. Da Simetria, o António de Macedo nos conduziu para a casa dela. Lá fomos recebidos por D. Manuela, mãe da Xinha que me adotou quase que de imediato como membro da família.

Bastante cansado, tanto da viagem em si quanto dos preparativos que antecederam a mesma, não tardei a adormecer.

Visita à Editorial Caminho:

Acordei cedo na manhã de segunda-feira, plenamente refeito da cansaça da viagem. Após o banho e a barba, vesti-me e desci para o pequeno almoço. De pequeno, o almoço só tinha o nome:

foi apenas a primeira de várias refeições matinais requintadas que tive o privilégio de saborear em casa de D. Manuela. Diversos queijos saborosos, patês de fígado de ganso e fiambres¹, frutas da estação sempre doces e suculentas, e um café-com-leite que nada ficou a dever ao que tomamos aqui em casa — resumindo: um lauto café-da-manhã de causar inveja a qualquer hóspede do fabuloso Hotel Cidadela. Acompanhando o pequeno almoço havia sempre o bate-papo agradável e bem-humorado da D. Manuela, que rapidamente me adotou como seu filho brasileiro, sendo correspondentemente nomeada como minha mãe portuguesa. Assim, Xinha passou a ser minha irmãzinha angolana e caçula.

Já na Simetria, telefonei para a Editorial Caminho para combinar a visita à sede da editora para assinar o contrato para a publicação da coletânea *O Vampiro de Nova Holanda* e receber os direitos da coletânea anterior, *Outras Histórias...*, publicada no ano passado.

Depois de tomar um café expresso com a Xinha num barzinho à beira-mar próximo ao Jardim Marechal Carmona, rumei até a estação de comboios para pegar uma composição até o Cais do Sodré em Lisboa. Dessa estação peguei um táxi até a sede da Editorial Caminho, onde pude finalmente travar contato pessoal com a Sra. Esmeralda Silva, o meu contato telefônico para assuntos financeiros na editora, com quem já havia falado a partir do Brasil.

Uma vez na Caminho, encontrei também meu editor, o Belmiro Guimarães, que conheci no ano passado, por ocasião dos Segundos Encontros. Aproveitei a oportunidade para assinar logo o contrato de cessão de direitos de publicação da coletânea *O Vampiro de Nova Holanda* e decidir como queria receber o adiantamento dos di-

reitos dessa coletânea e da anterior.

Conversamos durante cerca de uma hora sobre diversos assuntos, dentre os quais a ficção científica; a impossibilidade de se visitar a Expo 98 naqueles últimos dias de exibição e a criminalidade nas grandes cidades, como o Rio de Janeiro e Lisboa.

Em conversa comigo, com a D. Esmeralda e o Sr. Jaime, contabilista da editora, o Belmiro me disse que havia aprovado para publicação uma coletânea de contos de FC enviada por Roberto de Sousa Causo para apreciação.²

Regressei a Cascais de comboio. Dei um pulo na sede da Simetria e de lá rumei com o António de Macedo e o Daniel Tércio para o Museu Condes Castro Guimarães, onde se daria a sessão de abertura dos Terceiros Encontros.

A Sessão Inaugural dos Encontros:

A sessão inaugural consistiu num discurso do Secretário Municipal de Cultura, seguido por uma fala curta de Maria de Menezes em nome da Simetria, e por um fecho divertido de António de Macedo.

O jantar que se seguiu à sessão de abertura, num outro salão do próprio museu, consistiu — como no ano passado — de um suculento buffet de queijos e frios, regado por vinhos portugueses e sucos de frutas. Nem é preciso dizer que os queijos e presuntos³ estavam magníficos. Aproveitei o jantar para conversar com meus amigos portugueses, ensinar uma receita de feijoada à brasileira à simpática Gail, namorada do Charles N. Brown, o editor da Locus; e travar contato com o Luís Sequeira, o namorado da jovem autora Silvana de Menezes.

Ao contrário do ocorrido no ano anterior, desta vez nossa amiga Sacha Ramos não compareceu ao jantar no Museu Condes Castro Guimarães.

Assoberbada com o excesso de trabalho na Expo 98, a mega-exposição mundial de Lisboa que se encerraria em 30 de setembro, este ano Sacha sequer deu as caras nos Encontros.

Cenas de uma Feira do Livro:

Do jantar no museu, descemos à praça onde se situou este ano a Tenda do Livro dos Encontros, onde pudemos nos locupletar com os últimos lançamentos da Caminho, Europa-América, bem como com alguns *paperbacks* do Brian Stableford, Stephen Baxter, Gwyneth Jones e do Robert Holdstock, quatro dos autores britânicos presentes aos Encontros.

Aproveitei a ocasião de pedir autógrafos aos romances que comprei do Brian Stableford para entabular conversa com aquele que é, afinal, não apenas um de meus autores prediletos, como um dos maiores especialistas em FC&F deste lado da periferia galáctica. Brian mostrou-se satisfeito ao notar que eu estava comprando justamente os romances que iniciavam duas de suas mais famosas trilogias.⁴ Sinto que Brian começou a me considerar como seu fã especial no Brasil depois de ter lido a versão inglesa do ensaio “Vampiros Alternativos” escrito para minha coluna de H.A. no *Megalon*, onde analiso favoravelmente seu romance *O Império do Medo*. Ele me disse que as perspectivas de lançamento de uma segunda edição do clássico *The Science in the Science Fiction* — que ele escreveu em meados dos anos 1980 em parceria com Peter Nicholls e David Langford — melhoraram bastante desde o ano passado. Os problemas de *copyright* parecem ter sido contornados e a nova edição deverá ser lançada no início do próximo século.

Painel “Monstros, Extraterrestres & Exóticos:

Fui o moderador do primeiro painel dos Terceiros Encontros, “Monstros, Extraterrestres e Exóticos”. Contamos com a participação do historiador Luís Krus e dos autores Daniel Tércio e Robert Holdstock. Por uma questão de tradição, convoquei à última hora o indefectível e temido João Barreiros, Grande Almirante do Mar Oceano da FC Lusófona, para participar do pai-

nel, convite que meu amigo aceitou galharda e prontamente.

O professor Krus discorreu sobre os monstros do imaginário antigo e medieval. Já Daniel Tércio nos falou sobre os monstros presentes nos noticiários lisboetas do século XVIII. Robert Holdstock, um fantasista de mão cheia, como não poderia deixar de ser, falou com propriedade considerável dos mitos e monstros presentes em seu universo de Mythago Woods.⁵

Mesmo em franca inferioridade numérica e diante de tais gigantes, eu e João Barreiros defendemos bravamente os interesses da FC Hard, falando sobre a presença dos alienígenas na literatura e no cinema de ficção científica. Fiz um apanhado geral do desenvolvimento da temática do alienígena dentro do gênero, enquanto nosso astro especialmente convidado abordou os casos específicos, dentre eles o dos mesklinitas de Hal Clement.

No intervalo entre a primeira mesa-redonda e a seguinte, concedi uma entrevista a José Miguel Sardo, repórter do *DNA*, o suplemento literário e cultural do *Diário de Notícias*. O assunto foram as perspectivas da ciência e da ficção científica no Terceiro Milênio.

Durante o intervalo reencontrei amigos de Encontros anteriores, como o fiel Nuno Fonseca, o simpático geólogo José Saraiva e Américo Carrajola, grande amigo não só do João Barreiros, como também do Eurico de Barros e do temível António Salvador Marques (Aliás, este último esteve ausente nos presentes Encontros).

O Painel que Virou Debate...:

O painel seguinte, “Guerra e Paz na FC”, correu o risco de se tornar um monólogo, quando Norman Spinrad conquistou o virtual monopólio da palavra. Contudo, graças às colocações e opiniões sensatas da autora britânica Gwyneth Jones (que retornou a Cascais em companhia do filho de onze anos, Gabriel, depois da estada no ano passado, por ocasião dos Segundos Encontros), o quase monólogo se transformou num debate.

Norman lamentou o desaparecimento do mundo bipolar que existiu nos tempos da Guerra Fria e que terminou com o *débâcle* da antiga União Soviética. Outros participantes do painel, como João Barreiros e Américo Carrajola, tentaram em vão trazer o debate de volta para a ficção científica. Falou-se muito sobre a antiga Iugoslávia; debateu-se a verdadeira nacionalidade do Marechal Tito; o desmoronamento da U.R.S.S. e outras questões políticas menos relevantes. De FC mesmo, muito pouco, não obstante os esforços hercúleos do Américo... João Barreiros percebeu logo que seria impossível exercer a função de moderador naquela balbúrdia e entregou os pontos. Embora integrasse em tese o rol dos participantes do painel, entrei mudo e sai calado. Afinal, estava disposto e preparado falar de Guerra e Paz na ficção científica, tópico já desvirtuado desde os primeiros minutos da peleja... Confesso ter me sentido algo intimidado por um debate exclusivamente em inglês sobre um assunto que, além de não dominar, não me preparara para falar sequer em português...

O jantar foi novamente na Taverna Gil Vicente. Pedi novamente Bacalhau à Brás. Dose completa dessa vez. Como sentei à mesa com João Barreiros, Américo Carrajola, Nuno Fonseca e José Saraiva, pudemos entabular um bate-papo animado sobre ficção científica em geral e história alternativa em particular. Américo nos contou o enredo do *How Few Remain* do Harry Turtledove. Decidi no ato que encomendaria o romance tão logo regressasse ao Brasil.

As Palestras de Charles N. Brown e Robert Holdstock:

Depois do jantar voltamos ao Teatro Gil Vicente para assistir a palestra de Charles N. Brown. Não foi uma fala das mais longas. Mas, de uma certa forma, foi mais instrutiva do que a palestra pro forma que ele proferiu por ocasião dos Primeiros Encontros em 1996. Os dois tópicos mais interessantes foram os conselhos aos autores estrangeiros que pretendem publicar nos E.U.A. e a preocupação com o fim da tendência de crescimento do

mercado de FC&F norte-americano, onde a ficção científica, fantasia e o horror tradicionais perdem cada vez mais espaço para as serializações e novelizações que florescem junto às fronteiras do gênero.

Em seguida ao colóquio⁶ de Charles Brown veio a palestra do fantasista britânico Robert Holdstock. Uma palestra hilária; menos séria, proferida num tom muito mais leve e menos grave que o do editor da *Locus*. Após um breve preâmbulo teórico sobre a subversão dos clichês na fantasia, Holdstock passou à prática, brindando a platéia com a leitura interpretativa de um trecho de um de seus livros, onde um herói sem vocação, após matar um poderoso gigante, mais por sorte do que por destreza e coragem, tem que se ver com a filha do gigante. Ao contrário do que costuma acontecer nos contos de fada convencionais, onde o herói sempre desposa a filha do gigante, a jovem aqui não é uma bela donzela, mas sim, é claro, uma gigante... com todos os atributos físicos e necessidades sexo-afetivas de uma gigante! Pena que eu não tenha conseguido mais parar de gargalhar tempo suficiente para convidar o gajo para participar de nossa antologia de sexo & FC, *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*

Após a palestra de Holdstock, partimos em caravana liderados por Ana Almeida (com Norman Spinrad cativo e submisso a tiracolo) até o Bar 24. Durante os Encontros, o estabelecimento adquiriu entre os participantes o status de grande atração do fim de noite cascaense, pelo fato de oferecer um drink gratuito aos membros da Simetria.

Mas naquela terça-feira o bar estava lotado, não nos sendo possível sequer nos aboletarmos na sala do segundo piso. A superlotação fez com que nossa líder comandasse uma heróica retirada até o Baluarte, onde a maioria dos convidados e fãs reagrupou suas forças. Sentindo-me já bastante cansado, preferi ficar conversando à calçada do restaurante com o José Saraiva e o Nuno Fonseca. Descobri que Saraiva é um fã anômalo: não gosta muito dos romances de

FC&F, preferindo ler apenas os contos e noveletas.

A Academia & a FCP:

A quarta-feira foi um dos dias mais calmos dos Terceiros Encontros no que me disse respeito. Não estando escalado para qualquer painel ou atividade especial, pude relaxar e curtir mesas-redondas e colóquios como mero espectador.

A primeira atividade vespertina foi uma mesa-redonda mainstream: “Fronteiras da Literatura/Literatura de Fronteira”. Uma espécie de encontro entre a academia literária de Portugal e a comunidade produtora de ficção científica no país. Acabou não acontecendo o diálogo que poderia se ter revelado frutífero e enriquecedor para ambas as partes. Como o leitor bem pode imaginar, a inexistência desse diálogo se deveu em essência ao total desconhecimento do gênero pela academia.

Uma exceção mais do que honrosa à ignorância da academia é a da Professora Teresa de Sousa Almeida, uma fã ardorosa de FC e doutora em Letras formada em Coimbra, que leciona atualmente na Universidade Nova de Lisboa. Depois de descobrir que existe vida inteligente na ficção científica portuguesa, ela publicou um ensaio sobre o assunto — ao que me consta o primeiro trabalho deste gênero a ser produzido pelo meio acadêmico de Portugal.⁷

Palestra de Brian Stableford & Painel “Nanotecnologia”:

Depois do painel mainstream, deu-se a palestra de Brian Stableford. O autor e estudioso de FC revelou uma preocupação otimista com o desenvolvimento futuro da humanidade. Sua declaração mais bombástica foi a de que “Deus foi a pior e mais danosa invenção do gênero humano”. A maioria dos presentes saiu do auditório do Teatro Gil Vicente com a impressão nítida de que o colóquio de Stableford havia sido o melhor até então.

O jantar se deu na Taverna Gil Vicente. Já farto de bacalhau, optei por outra de minhas paixões na culinária lusa, a morcela frita!

Após o jantar, deu-se a mesa-redonda “Nanotecnologia”, moderada por

Luís Filipe Silva. O painel foi dos mais interessantes, com a maioria dos participantes demonstrando grande conhecimento de causa e trazendo para a platéia *insights* instigantes sobre a temática que vêm se tornando ultimamente num poderoso modismo da FC, ameaçando substituir temas ultrapassados, como os cyberpunks e os dinossauros. Discutiu-se se a nanotecnologia será algum dia de fato possível. Como biólogo e sociólogo da ciência, Stableford mostrou-se um otimista quanto à perspectiva de desenvolvimento dessas novas técnicas. Já Stephen Baxter, até para fazer um contraponto ao conterrâneo, mostrou-se céptico. Baxter advogou a opinião de que a nanotecnologia não é coisa para os nossos filhos ou mesmo para os nossos netos. Até em termos de FC, ele acredita que a nanotecnologia não soará verossímil tão cedo, exceto quando inserida em enredos cuja ação se passa num *very far future*. Aliás, em sua própria ficção Baxter é fiel à tese advogada, como se pode constatar da leitura do magnífico e mastodôntico *The Time Ships*.

O painel “Nanotecnologia” serviu ainda como atestado público aos vastos conhecimentos de nosso amigo João Barreiros, que ao longo da discussão acabou demonstrando ter lido mais livros a respeito do que o próprio Brian Stableford, um estudioso sério do gênero da FC&F. O próprio Brian admitiu que o João é a primeira pessoa que ele encontrou que parece ter lido mais livros do que ele. Vindo de um pesquisador do quilate de Stableford, a declaração é um tremendo elogio!

O Aniversário de Maria Augusta:

Após o painel noturno fomos todos ao Bar 24, onde seria comemorado o aniversário da Maria Augusta. O segundo piso do estabelecimento estava reservado para nós, de modo que pudemos nos espalhar bastante, sem o problema da superlotação enfrentado na noite anterior. Aproveitei para conversar com a jovem e talentosa autora e editora Silvana de Menezes, coisa que ainda não tivera oportunidade de fazer por causa de uma gripe que aba-

tera a coitada, afastando-a dos primeiros dias dos Encontros. Conversamos basicamente sobre dois temas muito caros aos amantes da FC: os alienígenas e a teleportação.

Passamos boa parte da noite nos divertindo em comentar as extravagâncias sexuais dos anglo-saxões nas convenções em terras estrangeiras.⁸ É claro que o nosso bom humor foi devidamente regado com doses generosas de caipirinha à brasileira.

Manhã Atarefada:

Xinha já acordou aborrecida na manhã de quinta-feira, por ter sido despertada por um telefonema da Simetria com a informação de que não havia ninguém para transportar algumas esculturas de monstros para o Teatro Gil Vicente e a Tenda do Livro. Na verdade, os tais monstros já deveriam ter sido levados para os locais onde seriam exibidos desde o início dos Encontros. Mas, todos que já ousaram tentar organizar uma convenção do porte dos Encontros sabe que certas falhas são, em menor ou maior grau, inerentes ao processo de organização dos eventos.

Contudo, essa brilhante peça de conhecimento teórico não foi suficiente para apaziguar os ânimos exaltados da Xinha, de forma que ela engoliu seu café com leite num átimo e praticamente exigiu que D. Manuela nos levasse chispano até o Dramático.

Boa parte de nossa manhã foi consumida pelo transporte das tais esculturas monstruosas. Desovamos a primeira no Teatro Gil Vicente — aparentemente uma espaçonave esférica semi-explodida. Depois de muito trabalho, deixamos a segunda no interior da Tenda do Livro, um manequim trajado em vestes femininas futuristas (com direito inclusive à tradicional metralhadora laser...). Partidos batidos, tão logo eu, a Xinha, o motorista da carrinha da CMC e o guarda da tenda acordamos quanto à quantidade de seios da moça que deveríamos desnudar ou tampar. Pois é, acreditem ou não, isto também é ficção científica...

Depois dessa faina cabeluda, partimos para um almoço merecido na Antiguinha. Foi uma das melhores refeições que fiz em Portugal. A com-

panhia e o bate-papo estavam ótimos. Estiveram presentes António de Macedo, Daniel Tércio, Gustavo Mil-Homens, Zé Pedro Borges Reis, Lina e Andreia Coelho, Maria e Silvana de Menezes, Xinha e eu. Como a Antiguinha serve o melhor Bacalhau à Brás da região, não pude resistir... As melhores fofocas do almoço foram as de cunho sexual, como de hábito: falamos da crise política clintoniana à preferência brasileira, sem deixar de fora, é claro, o convite para que os autores portugueses participem da antologia da Ano-Luz, *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*⁹

Painel “Ficção Científica Luso-Brasileira”:

A mesa-redonda da tarde, “Ficção Científica e Fantasia Luso-Brasileiras” foi a segunda que coordenei ao longo dos Encontros.

Fiz um pequeno histórico da FC&F brasileira, com ênfase especial aos trabalhos, autores e movimentos surgidos após o advento do Segundo Fandom lá por idos de 1982.

Falei dos primeiros fanzines e clubes de FC; dos concursos literários; da importância da *Isaac Asimov Magazine* no desenvolvimento profissional dos autores atuais; dos principais escritores brasileiros de ficção científica, fantasia, horror e história alternativa; bem como do Prêmio Nova em suas diversas fases; do *Megalon*, do *Somnium*, do *Hiperespaço*, do *Boletim Antares* e do *Hipertexto*. Sem esquecer, é claro, as carreiras de Bráulio Tavares; Ivanir Calado; Jorge Luiz Calife, Henrique Villibor Flory e até mesmo (porque não?) dos menos cotados: Gerson Lodi-Ribeiro; Roberto de Sousa Causo; Carlos Orsi Martinho; José dos Santos Fernandes; Ivan Regina, Fábio Fernandes e Ricardo Teixeira.

Essa mesa contou com a participação da pesquisadora Teresa Almeida e dos autores António de Macedo, João Barreiros e Luís Filipe Silva, que falaram sobre FC&F portuguesa.

É claro que não resisti à oportunidade de fazer alguma propaganda institucional de nossa editora, a Ano-Luz, tanto no que diz respeito aos projetos já realizados, quanto às iniciati-

vas futuras, algumas das quais já em curso, principalmente a antologia de sexo e FC&F e a antologia comemorativa do quinto centenário do Descobrimento do Brasil.

Em seguida, rolou a mesa-redonda “Utopias & Distopias”, onde mais uma vez tornou-se patente a falta de um sistema de tradução simultânea. Norman Spinrad e Brian Stableford, os participantes estrangeiros do painel, pareciam visivelmente entediados durante as falas dos participantes portugueses. Infelizmente, ou talvez nem tanto, retirei-me do auditório para bater papo com o Américo Carrajola.

Palestra do

Convidado de Honra:

Houve uma certa dificuldade em se decidir quem iria apresentar o Norman Spinrad à platéia durante a palestra que o convidado de honra ministraria após o jantar. Para decepção e desespero de seus fãs, João Barreiros tirou o corpo fora. Cogitaram meu nome, mas aleguei que só havia lido um romance do autor, *Sonho de Ferro*. Finalmente, o corajoso Américo Carrajola ofereceu-se como voluntário, ato de bravura pelo qual terá o seu nome sempre reverenciado no *hall of fame* da FC luso-brasileira.

Durante a sua palestra, Spinrad bateu essencialmente na mesma tecla dedilhada anteriormente por Charles Brown, ao se confessar preocupado com a decadência da ficção científica autêntica, soterrada sob o peso das novelizações, *sequelites* e *tie-ins*. Ao que parece, essa questão está se tornando realmente preocupante na meca da FC&F literária, embora por enquanto só sejam visíveis à nossa visão nublada de cidadãos residentes à periferia do império os reflexos mais baços dessa crise vindoura mas ainda distante.

Meio sorumbáticos com o teor da mensagem de nosso convidado de honra, ao final da palestra, eu, Nuno e Zé Saraiva nos dirigimos à Tenda do Livro para tentar comprar mais alguns *paperbacks* e coletar alguns autógrafos esparsos, antes que a FC mundial implodisse qual buraco negro primordial. Contudo, ao que parece, a maldição de Spinrad se havia abatido sobre nós, pois quando chegamos à Ten-

da, essa se encontrava fechada. Ao tentar entrar para verificar se existia alguém conhecido lá dentro, quase fui expulso pelo segurança noturno que montava guarda no local.

Sem ânimo para mais nada, rumamos para a sede da Simetria, onde quase consegui convencer o José Saraiva a ingressar na associação...

Conduzindo Ms. Wood:

A manhã começou quente na Simetria quando lutamos para convocar um voluntário capaz de conduzir a fogosa M. Lee Wood até o Aeroporto de Lisboa. Xinha e Andreia chegaram a sugerir que fosse eu a vítima a conduzi-la, mas consegui demovê-las do intento argumentando que tinha um casamento a zelar no Brasil e indicando de pronto o nome de José Pedro Borges Reis para a nobre e gloriosa missão suicida. Afinal, a Lee Wood havia simpatizado muito com o jornalista durante o aniversário da Augusta. Não sei bem porque, mas o escolhido acabou sendo o heróico e bravo Gustavo Mil-Homens, filho de Maria Augusta. Por seu ato de coragem e bravura, bem como dedicação desmedida à causa da FC acima e além do dever, o jovem Gustavo será em breve agraciado com o foguetão fático vermelho, a condecoração máxima da ficção científica luso-brasileira para os casos de elevado risco sexual no cumprimento do dever.

Parabéns, Gustavo! Se a FC e os RPG's portugueses possuísem mais pessoas corajosas e desprendidas como você e com o seu espírito de auto-sacrifício em nome de uma causa maior, o mundo seria sem dúvida um lugar melhor para viver...

Lançamentos no Casino Estoril:

Numa atitude de rebeldia atípica, elegi a sexta-feira como meu dia livre. Tirei a manhã e a tarde para passear sozinho por Cascais, visitando algumas livrarias e comprando várias garrafas de vinho português. Almocei com Xinha no restaurante Antiguinha lá pelas 16:00h...

Da Antiguinha, regressamos à sede da Simetria. Xinha ligou para que a mãe nos fosse buscar. Uma vez na casa dela, arrumamo-nos para o grande

evento da noite: o lançamento no Casino Estoril dos livros do António de Macedo, do Daniel Tércio e da minha segunda coletânea, *O Vampiro de Nova Holanda*.

Ao nos deixar na entrada do casino, D. Manuela recomendou que eu não ficasse nervoso. Tranqüilizei-a, explicando que aquele era o meu segundo lançamento no casino, que eu de fato me sentira nervoso na primeira ocasião, mas que ao longo de um ano me tornara uma espécie de veterano. O que eu não contava era que, mal adentrando no vasto saguão do estabelecimento fosse convocado para conceder uma entrevista à emissora de televisão RTP-2 sobre o lançamento d' *O Vampiro*. E isto quase ao mesmo tempo em que era convocado ao palco para proferir umas poucas palavras pelo mesmo motivo...

Pelo fato de termos chegado um pouco atrasados, Macedo e Tércio já haviam dito suas palavras de agradecimento e sido entrevistados antes de mim.

Como é que é? Não era prá ficar nervoso?

Concedi minha breve entrevista à simpática tele-repórter da RTP-2; entrevista esta concluída bem a tempo de ouvir as palavras gentis do discurso de João Barreiros que teceu louvores exagerados à minha pessoa e obra. Valeu, amigo! [Não se esqueça de passar no caixa...]

Chamado ao palco, agradei brevemente ao Belmiro Guimarães e ao António de Macedo, bem como ao João Barreiros e aos demais amigos da Simetria.

Depois que desci do palco, houve o lançamento oficial da antologia bilíngüe da Simetria, *Fronteiras/Frontiers*, organizada por António de Macedo e Maria Augusta Lourenço.¹⁰

Depois da sessão de lançamentos e de uma ou duas doses de vinho do Porto, passamos ao já tradicional jantar do casino. Sentei-me junto a João Barreiros, Luís Filipe Silva, Silvana e Maria de Menezes. À nossa frente sentou-se o jovem José Pedro Miranda, de onze anos, que recebeu o prêmio revelação Paradoxo por três histórias enviadas para o concurso li-

terário patrocinado pelo fanzine homônimo. O gênio precoce estava acompanhado pelos pais corujas. Embora bastante inteligente e conversado, contrariou o clichê do jovem gênio desajustado, demonstrando ser essencialmente uma criança normal e saudável.

O show do casino deste ano foi diferente do "Fernando em Pessoa", apresentado nos dois anos anteriores. Do meu ponto de vista, houve menos enredo e mais espetáculo visual. Ah, e as bailarinas exibiram mais de seus belos corpos. Ou talvez fôssemos nós que desta vez havíamos nos sentado mais próximos do palco.

Do Casino Estoril fomos direto à boate Coconuts, para a festa que se chamou "Cem Anos da Guerra dos Mundos", embora de marcianos ou de H.G. Wells eu não visse nem sombra...

Quando chegamos à Coconuts, por volta de 00:30h, o ambiente estava para lá de desanimado, com uma música barulhenta horrível e a pista de dança literalmente vazia. Como no ano passado, havia uma área reservada para o pessoal da Simetria e seus convidados. Encontramos por lá o Daniel Tércio com sua esposa; a namorada do Charles Brown, Gail; Andreia e o namorado; Américo Carrajola e João Cesário, o ilustrador que venceu o concurso do cartaz dos Encontros do ano passado.

Com a música fraca, nós idem, e a maior parte dos conhecidos então presentes já sabiamente desaparecidos há horas, a melhor atração da madrugada foi sem dúvida a sessão de piadas orquestrada pelo Américo e por uma Ana Almeida animada como sempre. Como platéia estávamos Xinha, Luís Filipe Silva, João Cesário e eu. Apesar do cansaço, dei poucas e boas gargalhadas, sobretudo com as imitações e interpretações impagáveis do Américo.

Painel "Planeta-Cidade":

Depois da esbórnica da madrugada anterior, acordei na tarde de sábado às 12:40h (Pasmem, mortais!). Eu e Xinha tomamos um pequeno almoço expresso e D. Manuela voou para nos deixar na sede da Simetria. Mal chegamos lá e encontramos Andreia já

morta de fome. Resumindo: fomos obrigados a mais um almoço lauto e delicioso no restaurante Dom Pedro I, que eu ainda não conhecia, mas do qual já ouvira o Luiz Marcos da Fonseca falar muito e bem.

A primeira mesa-redonda da tarde foi “Planeta-Cidade”, moderada por David Prescott e tripulada por Gwyneth Jones e Stephen Baxter. Essa foi uma das mesas com maior assistência (cerca de 30 pessoas) e também uma das mais interessantes. Falou-se não apenas das capitais de impérios galácticos como a cidade de proporções planetárias, do tipo trantoriano, mas também de estações espaciais estanques e colônias estelares auto-suficientes. Até o caso de um submarino nuclear em missão secreta de longo curso foi lembrado como exemplo de cultura estanque. Falou-se ainda das cidades do futuro e dos mitos urbanos que estariam pouco a pouco substituindo os mitos rurais do nosso substrato cultural.

Aproveitei essa mesa-redonda para passar às mãos do António de Macedo os originais das coletâneas de contos do Carlos Orsi Martinho e do Fábio Fernandes, que ele prometeu apreciar e deixar aos cuidados do Belmiro Guimarães da Editorial Caminho.

Após o término dessa mesa, José Saraiva me presenteou com uma autêntica raridade: a coletânea “Casos de Direito Galáctico” de Mário-Henrique Leiria, um dos precursores da FC portuguesa — um ato de generosidade pelo qual terá a minha gratidão eterna.

Painel “Ponto-Ômega”:

Fui obrigado a perder a palestra que se seguiu à mesa-redonda por causa de minhas obrigações como editor. Regressei à sede da Simetria e, com a ajuda da Xinha, passei o resto da tarde a preparar os contratos de cessão de direitos de publicação dos contos do Luís Filipe Silva e do João Barreiros.

Depois de um lauto jantar com quase todo o pessoal da Simetria no Dom Pedro I, partimos para o painel noturno. O tema foi o “Ponto Ômega”, uma teoria física para lá de mística defendida por Frank Tipler e que foi

prazerosamente demolida por Brian Stableford e pelo físico português António Baptista. O moderador foi um bem humorado António de Macedo. Já o outro participante do painel, Gonçalo Valverde, externou graves dúvidas filosóficas sobre o que aconteceria consigo caso fosse submetido a um processo de teleporte não destrutivo. Da platéia, exibindo sua fina ironia tradicional, João Barreiros deu o melhor de si para tranquilizar o rapaz. Esse último painel foi o mais concorrido dos Encontros, com cerca de cinquenta espectadores.

No final do painel, já à saída do Gil Vicente, finalmente tive a oportunidade de cercar os novos autores da Anoluz para que assinassem os contratos preparados horas antes e recebessem o pagamento que lhes cabia. A atividade pecuniária causou espécie em Luís Sequeira, que comentou à Silvana que “O Gerson está a distribuir notas de cinco contos (as maiores notas do sistema monetário deles) no meio da rua... Vamos entrar nesta fila também!” Não foi fácil explicar que se tratava de uma mera transação comercial entre editor e autores de FC&F...

Do Gil Vicente, eu, Nuno e o Zé Saraiva fomos a pé até a sede da Simetria. Uma vez lá, logrei êxito afinal em persuadir o renitente Saraiva a ingressar na associação. Quando eu e Xinha partimos para a casa dela, lacramos o Saraiva na Simetria com a Andreia e a Inês, com instruções explícitas de só deixá-lo evadir-se após assinados todos os formulários de admissão.¹¹

Sessão de

Encerramento Informal:

Como de costume, D. Manuela nos conduziu até a sede da Simetria. De lá, fomos a pé para a sessão de encerramento dos Encontros, realizada no Teatro Gil Vicente.

A grande surpresa desse encerramento é que o vereador Letria, aguardado para presidir a sessão, simplesmente não deu o ar de sua graça. Mas no final, foi melhor assim. Contando com a presença apenas dos sócios da Simetria, seus amigos e simpatizantes (todos os convidados estrangeiros já havia tomado seus vôos de regresso

aos países de origem) tivemos mais intimidade para falar abobrinhas e colocar as fofocas em dia.

Até por uma questão de tradição, o almoço de despedida foi na Taverna Gil Vicente. Já bastante abalado pelos excessos gastronômicos dos dias anteriores, obriguei-me a me contentar com um humilde omelete de queijo, mas regado, é claro, pelo vinho Madeira que Maria de Menezes trouxe especialmente para a ocasião. Durante esse último almoço, António de Macedo nos brindou com a história original de Tristão e Isolda.

A Grande

Biblioteca Galáctica:

Depois do almoço fiz a peregrinação épica à inacreditável biblioteca galáctica do Tio Barreiros. Uma peregrinação necessária, sem a qual nenhum fã, autor ou pesquisador de FC lusófono pode se considerar completo. E, meninos, eu vi! O colosso existe mesmo!

Antes de irmos à casa de Barreiros, fomos ao Cascaishopping visitar duas ou três livrarias, para que eu pudesse comprar alguns *paperbacks* que não estavam disponíveis na Tenda do Livro dos Encontros. Consegui o *Stars and Stripes Forever*, primeiro romance da nova trilogia de H.A. do Harry Harrison e Bone Wars, uma variação da disputa entre Cope e Marsh pelos fósseis de dinossauros recontada sob a óptica da FC.

E então fui conduzido à Biblioteca Galáctica do Velho Almirante Barreiros.

Conheço vários fãs de FC&F acometidos por colecionite crônica ou aguda, uma moléstia grave, infelizmente tão comum entre os amantes do gênero. A maioria dessas entidades superiores enfermas possui uma vasta biblioteca de FC. Algumas dessas bibliotecas chegam a abrigar por vezes algo em torno de cinco a oito mil volumes.

Mas, quando se trata da Biblioteca Galáctica de João Barreiros, a escala usada até então se torna falha. Já não se tratam de milhares de livros, e sim de dezenas de milhares de livros... Não se trata mais de uma residência que abriga uma vasta biblioteca, mas

de uma biblioteca colossal que possui uma vivenda como anexo...

João e Modesta vivem num apartamento amplo e confortável nas proximidades da cidadezinha de Rio de Mouro, na região da Grande Lisboa. Dividem o apartamento com dois gatos e a Biblioteca Galáctica.

Afirmo sem muito exagero que quase qualquer livro de FC&F publicado nos últimos quarenta anos em inglês, português (e muitas vezes mesmo francês) pode ser encontrado na Grande Biblioteca Galáctica. E, nas raras vezes em que um determinado título não é encontrado, o mais provável é que se trate de uma falha nos sistemas de busca da biblioteca do que da simples inexistência do título em questão...

Hardcovers abundam em prateleiras de profundidade dupla de estantes que revestem absolutamente todas as paredes de um salão gigantesco.

O motivo principal da decoração são os felídeos, que se espalham por entre *paperbacks* e *hardcovers* sob a forma de bibelôs, enfeites, aparadores, quadros, porta-copos, etc. O gato parece ser o animal totem do casal. Gatos por todos os lados, vigilantes, para proteger as dezenas de milhares de *hardcovers* e *paperbacks* — um tesouro faraônico de valor incalculável.

Acabou? Não, é claro que não! Aqueles eram apenas os livros lidos, os clássicos arcanos acalentados pelo Almirante Barreiros nas longas noites de inverno lusitanas. Há ainda o gabinete de trabalho do professor, onde amontoam-se uns poucos milhares de livros ainda não lidos e o microcomputador, de onde — aproveitando uma breve distração da Modesta — acessamos a Internet para comprar meia dúzia de livrinhos cada um... Afinal, a carne é fraca...

Houve uma hora em que precisei ir à casa de banho. E, pasmem, mortais ignaros! Também lá havia uma pequena sucursal da GBG. Coisa pouca, umas poucas dezenas de livros e revistas...

E foi só? Não, ainda não. Houve ainda o maravilhoso sótão, com seus Argonautas arcanos e Europa-Américas, além das duas coleções completas — a Contacto da Gradiva e a Li-

mites da Clássica — que João Barreiros editou há coisa de uma década. No sótão encontrei ainda umas poucas centenas de livros de FC&F editados no Brasil. Muitas, muitas Hqs e, oprimidos num cantinho úmido e escuro, até mesmo os livros da Modesta... A pobre esposa dedicada que permitiu à GBG uma expansão inflacionária por todos os cômodos do apartamento, inclusive nos degraus da escada que levavam ao sótão...

A Grande Biblioteca Galáctica é a oitava maravilha da civilização moderna. Um paraíso onde qualquer fã de verdade seria capaz de passar dias e dias a folhear volumes sem fim e sequer dar por isto. A loucura, a perdição para qualquer mestre TAL que caísse na tentação de visitar o grande Almirante da FC&F lusófona com maus propósitos em mente.

Foi tudo um sonho, elucubrado nos recessos de minha mente combalida?

Não creio. Existem uns outros poucos membros do fandom brasileiro que como eu foram agraciados com o privilégio de visitar a Grande Biblioteca. Conta a lenda que eles também emergiram do paraíso com a boca repleta de portentos, milagres e prodígios, e ninguém lhes deu crédito... Paciência! Além do meu testemunho, existem os de várias figuras de proa do fandom português. Espero que eles corroborem minhas visões. Visões de sonhos de uma coleção de FC&F quatro, cinco vezes maior do que a de qualquer fã brasileiro vivo ou morto.

Bem, como diz a letra da música de Jimmy Webb: “Eu não me importo se vocês acreditam, pois eu estive lá. E sei o que vi.”

Depois dessa experiência incrível e avassaladora, Barreiros e Modesta conduziram um brasileiro ainda de pernas trêmulas para jantar num belo restaurante tipicamente lusitano situado em Sintra. A Adega do Saloio foi o melhor restaurante de cozinha portuguesa que conheci em quaisquer dos lados do Atlântico. Eu e Modesta optamos por um Borba, um tinto alentejano simplesmente delicioso, enquanto o João ficava na cerveja. Depois dos pães e dos patezinhos e queijos de entrada, Modesta escolheu

Bacalhau com Natas, ao passo que eu e Barreiros pedimos Arroz de Pato. Há muito, muito tempo que este modesto gourmet não apreciava iguaria tão apetitosa. De fato, pode se dizer que na Adega do Saloio pude fechar com chave de ouro minha expedição gastronômica a Portugal. Ah, que saudade!

Regresso à Terrinha:

O vôo de regresso ao Brasil foi dos mais tranqüilos. A comida e o vinho estavam razoáveis (para a classe econômica), os filmes que não pude assistir na ida, fiz questão de ver nessa viagem de volta, embora eles não fossem lá grande coisa. Nove horas e pouco após o embarque, estava de volta ao Rio de Janeiro. Esses vôos diurnos são dose prá leão!

Desembarcando no aeroporto do Galeão, dediquei-me à velha e agradável rotina de comprar lembranças para os entes queridos e remunciar nosso bar e adega no *dutyfree*.

Ah, a luz verde que jamais me nega o seu favor.

Tomei um táxi especial e consegui chegar em casa minutos antes da hora do *rush*.

Em resumo, é bom estar de volta. Sobretudo quando se traz na bagagem tantas experiências boas para contar e lembrar. Isto para não falar em mais um livro de minha autoria para colocar na estante...

Quem precisa de mais do que isto para ser feliz?

NOTAS

¹ *Exatamente o tipo de frio que por aqui chamamos de presunto [N. T.].*

² *Ao final da noite desse dia, de volta à sede da Simetria, graças à boa vontade de João Guerreiro, filho mais velho de Maria Augusta, pude enviar uma mensagem de e-mail para o Causo para lhe dar a boa nova em primeira mão.*

³ *Semelhante ao que costumamos chamar de “presunto de Parma” deste lado do Atlântico [N. T.].*

⁴ *The Werewolves of London, primeiro romance da trilogia de “science fantasy” sobre os anjos decaídos que habitariam a Terra até hoje, e Serpent’s Blood, primeiro romance de uma trilogia de FC hard cuja ação se*

passa numa biosfera alienígena onde todos os processos entrópicos e catabólicos decorrem muito mais rápido.

⁵ Na fala de Holdstock tornou-se patente pela primeira vez um problema grave que nos iria acompanhar durante toda a convenção: a ausência de tradução simultânea. Houve uma falha qualquer na organização e as tradutoras dos anos anteriores não foram contratadas, de forma que em muitas conferências e mesas-redondas boa parte do público deixou de compreender o que os convidados estrangeiros diziam, o que deve ter contribuído para gerar uma certa dose de desinteresse. Desinteresse esse que talvez tenha sido responsável pela frequência relativamente baixa de espectadores nas palestras e painéis neste ano. Para bem de nossos convidados estrangeiros, a tradução do português para o inglês pôde ser algumas vezes efetuada, ora por João Barreiros,

ora pelo incansável Américo Carrajola. Mas é claro que esses esforços, heróicos pero esporádicos, não foram suficientes para substituir os serviços de uma equipe especializada em tradução simultânea. Vamos torcer para que nos Encontros vindouros possamos contar com uma equipe profissional de tradutores qualificados.

⁶ Em português brasileiro, o mesmo que "palestra" [N. T.].

⁷ O Ensaio "A Ficção Científica em Portugal - Desenho de um Território" abre a antologia Fronteiras, livro souvenir bilíngüe dos Terceiros Encontros, editado pela Simetria.

⁸ Luís Filipe Silva tem poucas e boas para contar sobre as anomalias e aberrações sexuais que teria presenciado durante a Fantasy WorldCon do ano passado em Londres.

⁹ Durante os Encontros fechei negociação para comprar para a antologia os contos "Pequenos Prazeres

Inconfessáveis" do Luís Filipe Silva e "Quatro Milhões de Lolitas" do João Barreiros. Excelentes aquisições!

¹⁰ Os trabalhos publicados nessa terceira antologia dos Encontros foram os seguintes: "A Ficção Científica em Portugal" [ensaio] - Teresa Sousa de Almeida; "Ad Maiorem Dei Gloriam" - Maria de Menezes; "Crimes Patrióticos" - Gerson Lodi-Ribeiro; "A Mulher Mais Bela do Mundo" - Roberto de Sousa Causo; "La Cenerentola" - Gwyneth Jones; "Entre Horizontes" - António de Macedo; "Terra de Vidro" - Stephen Baxter; "O Regresso do Super-Homem" - João Thiago; "Por Amor à Prole" - João Barreiros; "Dr. Pequeno Almoço e o Polyban" - David Alan Prescott; "Entregue à Bicharada" - Daniel Tércio.

¹¹ No dia seguinte verifiquei que meu dileto amigo José Saraiva realmente tornou-se o então mais novo associado da Simetria!

COMPRE, LEIA E COLABORE COM OS FANZINES BRASILEIROS!

- **Astaroth:** Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.
- **Hiperespaço:** Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375, Santo André/SP, 09001-970
- **Hipertexto:** Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.
- **Informativo Perry Rhodan:** Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.
- **Intrepid:** Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.
- **Juvenatrix:** Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.
- **Megalon:** Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

- **Notícias... do Fim do Nada:** Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150
- **Brief News.** Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.
- **Suplemento de Ficção Científica:** Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Continuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.
- **Fábrica de Fanzines:** Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo, Rua Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010:
 - Biblioteca Essencial da FCB:** série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.
 - Borduna & Feitiçaria:** A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.
 - Brazuca Review:** A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.
 - Diário do Fandom:** Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.
 - Papêra Uirandê Especial:** A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.
 - O Rhodiano:** A4, 12 páginas. Fanzine sobre Perry Rhodan.

Ultimamente, o sonho vinha se repetindo com mais frequência, mas não era isso o que realmente o preocupava. Os sonhos, afinal de contas, são coisas amorfas que saltam do esquecimento que deveria ser o sono para que os homens possam atravessar aquelas horas de descanso mais profundo, e para lá voltam quando se desperta. Eram estúpidos, incompreensíveis e irrelevantes, e não lhes dava a menor importância.

O que realmente disparou a voz do alarma interior foi o dia em que se levantou mecanicamente e, meio entorpecido, não reconheceu o próprio quarto. Não que lhe parecesse o quarto de outra pessoa. Não. A impressão foi ainda mais profunda, ainda mais terrível. Por um vago momento —felizmente fugaz,— o quarto não pareceu absolutamente nada. Não reconheceu a janela como tal, não encontrou a porta, debateu-se entre a cama e o armário como um rato de laboratório dentro de um cubo cheio de objetos estranhos. O aposento tinha as paredes cobertas de imagens incompreensíveis, era um cubo pequeno, pequeno, pensou que ia morrer de claustrofobia, era difícil respirar, era difícil, muito difícil. Caiu com a cara contra o criado-mudo e o olho inchou em seguida. A dor e o aturdimento o deixaram atirado no chão tempo suficiente para que o mundo fosse entrando em foco. Alguém bateu na porta e ouviu a voz da mãe perguntando se estava bem. Antes de responder, olhou ao redor. Ali estava o poster dos Rolling Stones, o do surf, o que Celina lhe dera de aniversário, com uma pantera negra e feroz rugindo em silêncio, um que dizia “salve o Pantanal” meio por cima do poster de Pamela Anderson que ele pendurara mais por rebeldia do que por interesse. Mastigou um “estou bem, mãe”, e a voz lhe saiu grossa e pastosa, a boca seca, a língua inchada e, o que era pior, as palavras, os sons, estranhos, ásperos, indecisos, como quem aprende a falar um idioma estrangeiro. Essa foi a primeira vez que se sentiu assustado.

Outras coisas não o inquietavam tanto. Coisas como desejar comer comidas que nunca vira, que não sabia se existiam, mas cujo sabor tinha extremamente claro na boca. Ou palavras que imaginava, ou inventava, e tentava usar, mas que perdiam significado no momento em que lhe saíam dos lábios e chamavam um olhar de estranheza por parte de professores e amigos.

Ou ainda lugares, as ruínas de Tion-na-Yne, Pia-pao, os telhados cinzentos de Kruph, lugares que desejava como quem sente saudades, lugares que pensava que existiam, que desejava visitar, que buscava nas enciclopédias e nunca, nunca, encontrava. E muitas mais, pequenas coisas que faziam com que se sentisse um estrangeiro mesmo sabendo que não o era, mesmo reconhecendo tudo o que o cercava, mesmo assim.

A segunda vez que se assustou de verdade, foi alguns dias depois, nunca soube quantos. Havia se levantado amodorado e sonolento e ao chegar ao banheiro ficou vários minutos fitando horrorizado aquele monstro esbranquiçado e estranho cuja cabeça via sobre a pia, até que compreendeu e, voltando pouco a pouco à normalidade, riu de sua própria imagem no espelho. Mas o riso foi nervoso, de novo lhe veio aquela voz rouca e de repente as imagens do sonho —mais reais do que nunca— encheram-lhe a memória e se viu invadido por um misto de desejo e pavor, desejo de que o sonho fosse realidade, pavor, porque as imagens pareciam desconexas e incompreensíveis.

Dizem que a terceira vez é a que vale, e assim deve ser, porque foi quando realmente se lembrou de tudo. Estava na casa de Ana, estudando matemática. Os pais dela estavam fora e estavam sozinhos. Era uma situação típica, ele sabia, ela sabia, ambos sabiam que o outro sabia, e ambos tinham em mente outro estudo que não o dos números. Não demorou nada, estavam na cama de Ana, o corpo bronzeado sobre os lençóis claros, tão nervosos, tão ansiosos, tão excitados que parecia impossível que qualquer coisa acontecesse. Mas se ele era ainda virgem, Ana sabia o que estava fazendo, ou pensava que sabia. O corpo quente e úmido dela se abriu e o recebeu e ele pensou que não havia nada melhor do que meter-se no corpo de uma mulher e então, de longe, muito de longe, veio aquela certeza de que havia algo melhor, sim, algo muito melhor, e começou a buscá-lo em Ana, e Ana gemia de prazer, se desfazia, se derretia, nunca Roger, que tinha sido seu namorado até a semana anterior, agüentara tanto. Seguiu buscando quando ela gritou de prazer e gozou, seguiu buscando com raiva por não encontrar, quando ela lhe pediu que parasse, seguiu buscando quando ela começou a chorar e empurrá-lo, e então soube que faltava algo, faltava alguém, faltava o terceiro. “Sem o terceiro não é possível”, ele disse e agarrou-a pelo pescoço para que parasse de gritar, e ao agarrá-la lhe pareceu uma coisa horrível, um monstro, e o monstro se debatia e ele buscava algo que não encontrava, necessitava, desesperadamente, o que fazia aquele monstro ali? perguntou-se em sua língua interior, e a boca não podia dizer bem aquele idioma, porque as cordas vocais não eram o mesmo sistema que a raça que o falava usava, e seu corpo arrancava sangue do outro corpo, Ana já não gritava, só tentava respirar e não conseguia, já não poderia nunca mais, e ele soube que não encontraria o prazer que buscava, mesmo que aquele corpo, que agora era seu corpo, ejaculasse outra vez, porque faltava o terceiro, e aquele lugar era outro cubo, aquela luz que entrava pelo retângulo aberto, era a luz terrível de uma estrela amarela, e reviu com os olhos da memória da alma, os três pequenos sóis que bailavam em harmonia no céu que recordava ser o céu de seu lar, um céu que se tingia de dourado pelas noites e se enchia com as canções dos trios de amantes de Pia-pao, à beira do centro da Via-Láctea.

D. Laura estava na janela de seu sobrado cinzento. Com as mãos cruzadas apoiando o queixo enrugado, lançava os olhos para a estrada que parecia acabar no horizonte. Era o que mais fazia: concentrar o olhar naquele cenário distanciado. À sua frente, via o único caminho que poderia trazer o viajante incauto até o vilarejo de San Juan.

Uma grande mudança, porém, havia ocorrido naquela cidadezinha da República de São Domingos. Hoje, a cidade de 552 habitantes, segundo a tabuleta lá na frente, dormia embalada por um silêncio poderoso. E D. Laura contava com o tempo que quisesse para reavivar os acontecimentos das últimas semanas, ou mesmo para lembrar todos os fatos desde que iniciara sua longa espera. Há quarenta anos, seu querido noivo Arnaldo, o Tenente Arnaldo da guarnição local, fora chamado para reforçar a guarda pessoal do ditador de seu país. Na verdade, longe de pensar em política, ele aguardara muito tempo por esse chamado, com a ansiedade própria de quem espera trazer uma melhoria para a vida dos dois. Talvez, quem sabe, pudessem até sair de San Juan.

No começo, a espera era um processo que agitava os nervos da delicada Laura. Mais tarde, isso passara a se incorporar a seu cotidiano como a grande motivação de seus dias, embora pouco saudável para seu espírito. Mesmo as notícias que, posteriormente, chegaram da capital não conseguiram mudar a firmeza de seu ânimo. Nem as notícias sobre o crescimento do movimento dos “contra”, nem a queda final do governo ditatorial foram suficientes para quebrantar suas esperanças. Ela passava os dias aguardando Arnaldo e mesmo quando as cartas de seu amado cessaram, apenas comentou qualquer coisa sobre a ineficiência dos correios. De fato, já estava por demais comprometida com seu ritual de espera. Do alto, a janela do andar de cima era o visor que precisava para o mundo que lhe interessava.

E agora, sua memória trazia à tona as zombarias quando os primeiros meses se passaram. No início, alguns antigos namorados tentaram convencê-la da fragilidade de sua expectativa. Com o passar dos anos já eram os filhos desses pretendentes que se riam dela. Logo, a cidade toda sabia de sua história e criticavam sua excentricidade. Isso tudo já não lhe importava mais. Sua obstinação era a poção mágica que a mantivera viva todo esse tempo.

Mas a natureza reserva um castigo cruel para aqueles que resistem em seguir o curso que ela impõe a todos. Quem se recusa a partir, fica cada vez mais deslocado e mais só. E sob a força dessa lei imutável, D. Laura além de sentir mais e mais o peso dos ossos, viu desaparecer um a um os amigos e conhecidos que, enquanto vivos, a defendiam contra essa experiência dolorosa da solidão definitiva. O anjo dos sonhos lhe trazia, as vezes, a lembrança tema de um afago carinhoso do passado.

A primeira daquelas noites de verão, recordava ela, começara como uma noite comum em todos os aspectos. Na penumbra, a brisa quente beijava o alto dos ciprestes sob o olhar furtivo das criaturas noturnas. Quase toda cidade estava adormecida e D. Laura, como de costume, divisava o trecho torto da estrada, lá onde esperava ver um dia o vulto de seu Romeu retornando.

Tudo foi muito rápido. Primeiramente, o vento parou de soprar sobre as copas das árvores na divisa da vila. Sucedeu-se um grande silêncio, cheio de ameaças. A seguir, D. Laura viu as luzes do céu. Vinham de objetos se mexendo no cume do cenário de estrelas. Cerca de cinco ou seis deles, como pratos em chamas. Ficaram imóveis sobre algumas casinhas do lugar, dirigindo sobre elas um facho de luz azulada e soltando um som assobiado e estridente. Assim como vieram, se foram, deixando D. Laura a contemplar alarmada o vazio do infinito.

No dia seguinte, bem cedo, a mulher procurou ansiosamente o pessoal da vila. Foi, então, que percebeu que o tempo construíra uma barreira intransponível entre ela e os demais. Os anos de isolamento a tornaram num tipo de cidadão especial, a quem se respeita, se escuta, mas não se deve a obrigação de acreditar. Conseguira concluir, no entanto, que aparentemente ninguém mais presenciara o que ela vira.

Voltara desolada a seu canto. Havia muitas coisas que ela precisava colocar em ordem em sua mente. Na noite seguinte, decidiu manter uma vigília ainda mais intensa. Isso afinal se provou inútil, pois foi das noites mais calmas e agradáveis daquela temporada. Teria logo esquecido o ocorrido se novos fatos não tivessem aparecido.

A próxima noite, de fato, foi mais aterradora. Os objetos se haviam multiplicado no céu e o horizonte chegava a ganhar um brilho semelhante ao do crepúsculo. Dessa vez, todas as casas e mesmo as mais pequenas habitações foram rastreadas pela luz azul. Todas as casas, inclusive a sua! Sim, por um momento a luminosidade se deteve bem em cima da própria D. Laura e ela se sentiu como que vasculhada por dentro. De terror, suas pernas enfraqueceram por um instante e, quando voltou a se erguer, as luzes haviam sumido por completo.

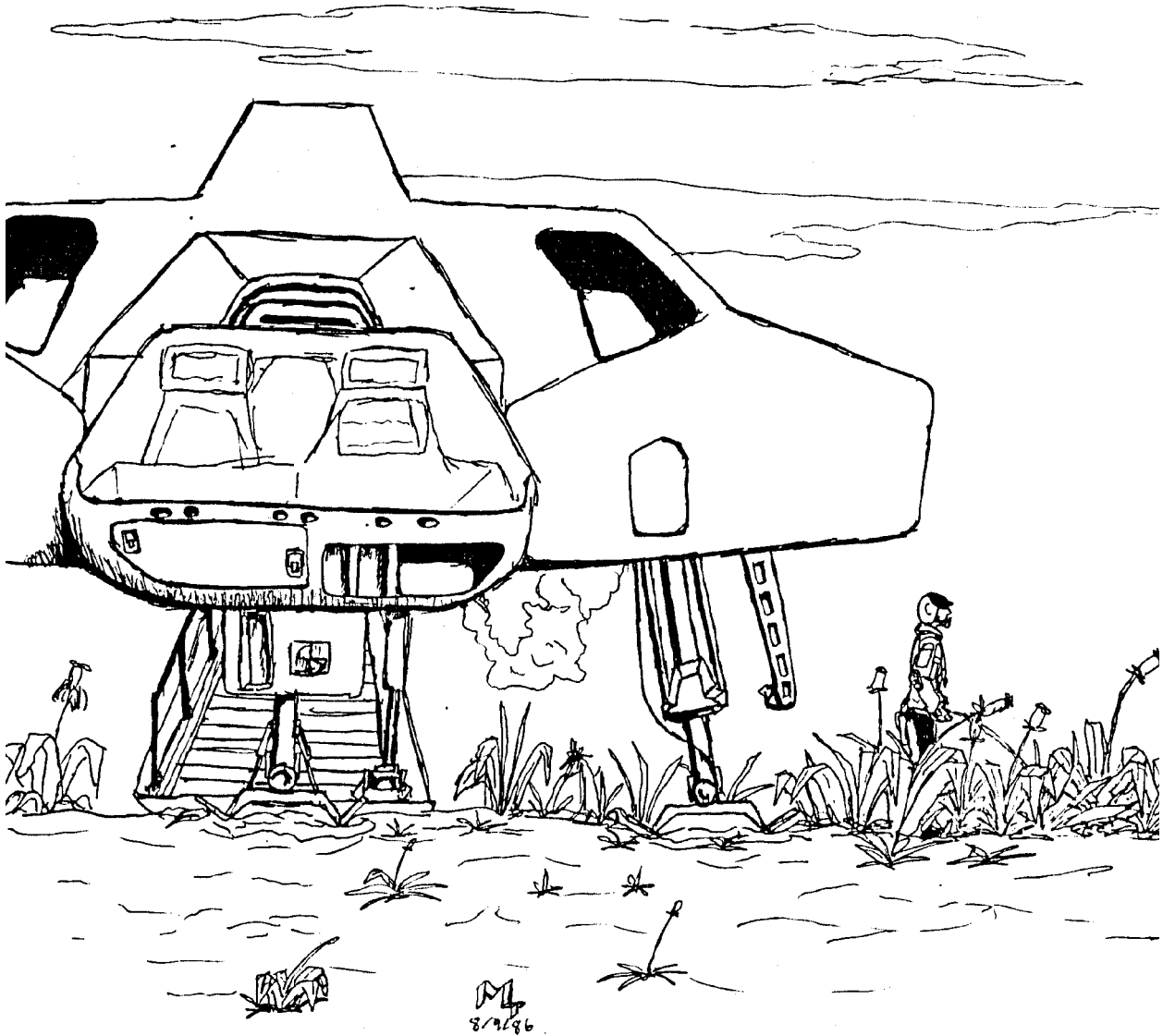
Não esperou o dia clarear. Dirigiu-se à casa do vigário, que estranhou o horário de sua visita. Não se recusou a ouvi-la, mas como os demais, deixou a perceber que, no fundo, a tinha como uma anciã amargurada e estouvada. Tentou falar com os outros. O resultado fora o mesmo. Julgavam que ela fazia ainda uma tentativa de mostrar que seu amado

Arnaldo estava vivo. “Eu sei que ele virá me buscar!”, dissera uma vez e agora, talvez quisesse provar isso.

Depois disso, definiu para si mesma que se manteria mais discreta com todos. Em hipótese alguma, voltaria a falar a respeito do que assistira. Com essa atitude se sentia mais preparada para enfrentar o que viesse pela frente.

E não tardou muito para que aqueles estranhos objetos luminosos estivessem de volta. Seu medo, contudo, já não mais existia. De qualquer forma, a visita nessa terceira noite fora ainda mais resumida. D. Laura ficara em casa toda a noite e toda a manhã seguinte. Não se abalou quando começou a chegar o pessoal de fora, era como já estivesse esperando por isso. Primeiro, curiosos e alguns policiais apressados; depois, não paravam mais de chegar visitantes. Nunca San Juan estivera tão agitada. Até repórteres de outros países apareceram na parte da tarde. De seu mirante privilegiado, os enxergava como formigas assustadas andando por toda parte. Somente quando bateram em sua porta e a olharam estarecidos, começou a entender o que ocorrera. Logo se acostumou ao alvoroço e percebeu que, na realidade, todos apenas queriam lhe arrancar uma única e maldita resposta: para onde foram todos os moradores daquela cidade? A princípio, ficou atônita. Por um momento, pensou em lhes contar a respeito. Pensando melhor, era preferível evitar uma situação embaraçosa que já conhecia bem. Sabia como era desagradável a sensação de se sentir decrépita e não ser mais levada a sério. Por isso manteve sua resposta negativa e evasiva. Desistiram de a questionar. Em dado momento, deixou escapar que achava que “eles” teriam pouca utilidade para alguém tão velha como ela, seja para o que fosse. Ninguém entendeu.

Do parapeito, D. Laura meditava que tinha sido melhor que as coisas tivessem ficado desse jeito. Apesar de completamente sozinha, agora ela teria mais paz. E ela precisava muita paz para continuar esperando o retorno de seu querido Arnaldo.





CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês, das 15 as 18 horas,
no Clube dos Engenheiros, Rua José Paulino nº 7, São Paulo/SP
(próximo à estação Luz do Metrô).

Toda a correspondência deve ser encaminhada para
Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

Visite nossa nova página na Internet: <http://members.tripod.com/~CLFC>